

luis fernando verissimo

A
GRANDE
MULHER NUA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LUIS FERNANDO VERISSIMO

(1936)

A grande mulher nua

1992

CIRCULO DO LIVRO

Sumário

O CRONISTA E AS ARANHAS
O LOUVA-A-DEUS
O GESTO SUPREMO
A PREGUIÇA
CHINESES (I)
CHINESES (II)
OS ÁRABES
PARA VER
EUFORIA
O ÚLTIMO TANGO NA CAVALHADA
HERÓI JUVENIL
RETRIBUIÇÃO
GÊNERO
CORRENTE DE SANTO EURIDES
ARTES MARCIAIS
ERRATA
DE PASSAGEM
CONHEÇA O SEU CANDIDATO
O ANTICARNÊ
DISCRIMINAÇÃO
CURSINHO
MÁXIMAS URBANAS
CONVERSA
CULTURA
UM, DOIS, TRÊS
NOITE E DIA
VIDA EM MANCHETES
ATITUDE SUSPEITA
DEZESSEIS CHOPES
A COISA
CÂNTICO
RÉ-PENSAR
UMA PRINCESA

TERRÍVEL
A GRANDE MULHER NUA
ATLÂNTIDA
ALVES CRUZ!
PALAVRAS
A DUPLA
CRIATIVIDADE
OS FRUTOS DO ÓCIO
CERIMONIAL
INJUSTIÇA
REMORSO
A VISITA
CAMPEONATO BRASILEIRO
A PRIMEIRA CENA
O MÁGICO
EVOLUÇÃO
A QUE PONTO
FARSA
PERSUASÃO
CONFUSO
DANÇAS
MUNDO DE PAPEL
O PODER E A TROÇA

O cronista e as aranhas

Me dou conta que a Anita e a Arabela morreram e eu não comentei nada! A gente aqui catando assunto — este dá, este não dá, este ninguém entenderia, este não passa, este seria presunçoso, este daria cadeia, meu Deus, já são quase oito e eu ainda não escrevi nada! — e o assunto aí, pedindo.

Vamos lá, então. Duas laudas e meia sobre Anita e Arabela, as aranhas espaciais já falecidas.

Primeiro, algumas considerações preliminares sobre forma.

Deve ser uma crônica tecida. Isso. Deve sair como uma teia, feita com cuspe e paciência. Mas ligeiro, que o jornal não pode esperar.

Quem sabe uma linha de cada vez, para apressar?

Linhas soltas, pendentes, diáfanas, para pegar as ideias no ar, como insetos?

Linhas repetidas, para simetria?

Linhas repetidas, para simetria?

Linhas re...

Não. Preciosismo gráfico. A diferença entre a aranha e o cronista é que a aranha não tem nenhuma angústia estilística. A aranha não entende de forma. A forma, na sua vida, é apenas uma correta disposição da saliva, não peça para ela explicar. A Anita, por exemplo, diria apenas: — Eu não sei explicar, entende? Não há nada pra explicar. É tudo só pra pegar inseto, entende? Pra matar a fome e sobreviver, entende?

Eu não quero dizer nada com a minha teia, não há nenhuma mensagem, entende?

Já o cronista se esforça para provar o contrário, que o seu estilo é a desfiação final das dezessete mil maneiras de dizer qualquer coisa, e que se ele escolheu *esta* maneira de dizê-la, então a sua escolha, a sua forma, tem tanta importância quanto o que ela — a linguagem, entende? — representa, ou então, deixa ver, acho que me enredei um pouco, é melhor deixar. Olha aí, peguei uma ideia no ar mas ela caiu. O que o cronista quer dizer é que a sua teia é um

engenho da imaginação, uma decisão sobre o mundo, alguma coisa além de uma armadilha para o almoço. Ao contrário da aranha, eu posso explicar todas as minhas metáforas. Com metáforas, é claro.

Digamos que, junto com a Anita e a Arabela, levassem um cronista para o espaço. Com objetivos puramente científicos. Como se comportaria um esteta no vácuo? Dentro da nave pressurizada, o cronista seria instruído a fazer literatura enquanto as aranhas fizessem suas teias. Uma comparação. O cronista hesitaria. O cronista teria dúvida no espaço.

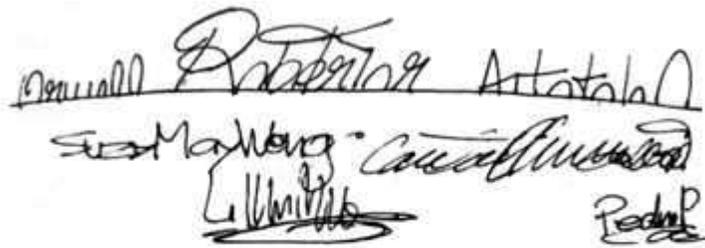
Sem falar em enjoos de estômago e surtos de melancolia.

— Vamos, comece — diria o amerirusso no comando da expedição.

— Pera um pouquinho!

— Como, esperar? Olha ali, as aranhas já começaram.

O CAÇADOR DE AUTÓGRAFOS



— Peraí, pô. As aranhas não pensam. Eu penso, logo pera um pouquinho. Não tem nada pra beber aí?

Deixa ver. Uma crônica. Hmm... Quantas laudas? A favor ou contra? Como é que eu posso escrever de cabeça para baixo? Com esse papel não dá! Ai, meu saco. Eu não me ajeito com máquina elétrica...

Escrever o quê?

— Escreva duas laudas e meia sobre as aranhas no espaço.

— Bom, tá bem, mas primeiro algumas considerações preliminares sobre forma.

O louva-a-deus

Imagine chegar no Céu e só encontrar louva-a-deus. Pisar em louva-a-deus, respirar louva-a-deus, tentar enxergar o Velho e só ver uma nuvem de louva-a-deus. Solícitos, ocupados, donos das melhores posições, brigando em torno do Todo-Poderoso pela oportunidade de lhe ajeitar um fio de cabelo. Suas preces foram atendidas! A auréola do Senhor é uma coroa de sicofantas.

Como é o plural de louva-a-deus? Ninguém jamais viu mais de um louva-a-deus na terra de cada vez. O homem comum vê um louva-a-deus de sete em sete anos, em média. Sempre de mãos postas, os olhos virados para o Céu, e um absoluto desprezo pela proximidade do seu pé. O louva-a-deus desafia que alguém o esmague e arrisque a danação eterna.

Na África, até os reis, que arredam montanhas para passar em linha reta, desviam-se do seu caminho para não pisar num louva-a-deus. O imperador Selassié certa vez pisou num louva-a-deus no quintal e no mesmo instante todo um lado do Himalaia desmoronou, soterrando dezessete civilizações antigas. A Sra. Pavita Pinchas, da Colômbia, aprisionou um louva-a-deus gigante e há vinte e oito anos o mantém sob uma redoma de vidro, alimentado com um picado de moscas e orquídeas. O desgosto infligido a este louva-a-deus tem sido o responsável por todas as catástrofes do continente desde o grande terremoto do Chile, em 1946. Os índios macapauas do Peru resolveram um dia que pó de louva-a-deus era afrodisíaco, mataram e esfarelaram um monte, e alguém tem visto algum macapaua ultimamente?

O louva-a-deus é o inseto mais antigo que existe. Não tem corpo, é uma haste verde com uma cabeça na ponta. Examinado sob um microscópio por um estudante aventureiro — que minutos depois bebeu um copo de ácido, por engano, em vez de água — o louva-a-deus revelou algumas particularidades interessantes. É o único bicho

que tem mãos, minúsculos dedinhos entrelaçados com um fio de ínfimas contas — um rosário de átomos — e entrelaçados entre si. Seus olhos são suplicantes, rodeados por olheiras de um tom verde-púrpura, como as de velhas beatas. Um único nervo capilar atravessa a haste do louva-a-deus, da cabeça ao rabo, e, ao ser acossada pelo macho na hora do acoplamento, a fêmea sofre um espasmo nervoso e decepa a cabeça do seu par com as mandíbulas, sem interromper a sua prece. Só com a morte do macho há a impregnação. O parto de um louva-a-deus é agonizante, dura doze dias, durante os quais a louva-a-deus mãe, de olhos baixos, emite um silvo ininterrupto de dor que os instrumentos da NASA registraram na Lua e certamente passa ao ouvido de Deus, que os perdoa. O louva-a-deus é como Deus pretendia a espécie, uma haste de louvor à sua Glória. Uma planta com senso bastante para sentir dor e devoção e nada mais. O louva-a-deus é o universo descarnado, seco, duro e frio e reverente com que sonhava o Espírito, até que algum demônio inventou o sangue e tudo desandou. O louva-a-deus só não desistiu e ascendeu ao Céu para sempre, e ainda atura na Terra as ignomínias da reprodução e de uma dieta de capim e vespas, porque a sua função é a de representar, entre os homens, com a sua postura e o seu exemplo, a reprovação de Deus.

O louva-a-deus roga por nós.



VOCÊ FAZ
ISSO PARA
TODAS...

O gesto supremo

A baleia é um animal de poucos recursos. Mal pode se virar, quanto mais elaborar um conceito. A baleia leva dois anos para decifrar um sentimento. Às vezes confunde gases no estômago com a necessidade de definir uma cosmogonia, e aí vem para a tona, aflita. A baleia não se conhece.

A baleia é um mamífero que preferiu continuar no mar. Quer dizer, é uma sentimental. A baleia não tem mais ambiente no mar, falta-lhe o oxigênio, calor, faltam-lhe as mínimas condições de sobrevivência, mas ela preferiu não evoluir. É um animal conservador.

A família é tudo para a baleia. Os velhos valores.

Honra e serviço. Respeito e tradição. A baleia prefere não discutir o assunto.

A baleia não se conhece. A baleia sabe que tem uma cauda como você e eu sabemos que existe a Antártica. A cauda é um vasto território inexplorado para a baleia, remoto e misterioso como um pólo. O corpo é a angústia da baleia. A baleia vive atormentada pelo próprio tamanho. "Estou sendo seguida!" A baleia às vezes se pergunta, se eu não sou o meu corpo, o que é que eu sou? A baleia tem outra por dentro, bem menor.

Não é verdade que a baleia se alimenta de profetas. A baleia tem a maior boca do mundo e fome de canibal, mas uma garganta em que só passam canapés e as azeitonas menores. A baleia seria um desastre social.

A baleia é uma série de equívocos. Deus tinha acabado de fazer o elefante, estava numa fase de grandes projetos, mas se desinteressou na metade.

A baleia era para ser recolhida para reajustes. Mas aí veio a Idade do Gelo, depois Sodoma e Gomorra, depois o problema com o guri, e Deus não teve mais tempo.

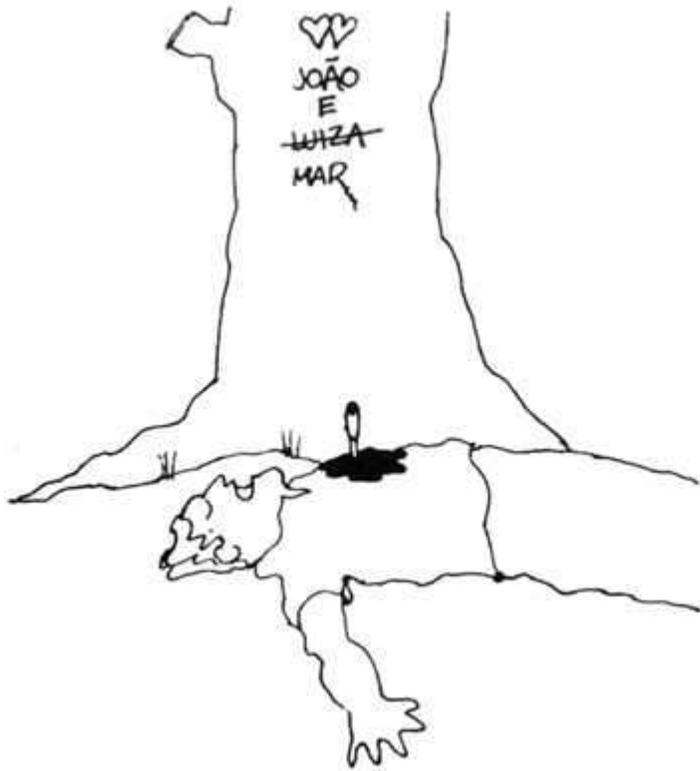
A baleia leva anos para decifrar um ressentimento. O que começa como revolta no estômago chega ao cérebro como lamento e

memória. Eu devia ter sido um monstro marinho, meu Deus, o flagelo da criação, Moby Dick só para vingar meu tamanho e meu destino. Mas a baleia mal pode se virar, quanto mais dominar o mundo. A baleia é uma desistência.

Os velhos valores. A rigidez moral. Como um adventista do sétimo dia — que também não come carne — a baleia está convicta da corrupção do mundo e da sua própria indignidade. (Todo vegetariano é um canibal contrito.) A baleia conhece a humanidade pelos seus naufragos e pelo que lê nos jornais. Seu único contato com o homem é o arpão nas costas e notícias de escândalos. A baleia sabe histórias, de transatlânticos afundados, de alta luxúria em camarotes, de tráfico de ossos em sombrios porões da segunda, de inomináveis congressos entre caveiras e polvos, de capitães bêbados e gentis-homens piratas. A baleia às vezes se pergunta, se eu não sou digna, quem pode ser?

Houve o caso de uma baleia que se apaixonou por um submarino alemão e até hoje carrega as marcas do escândalo, um cauda torta e o olhar perdido. A baleia tem uma visão trágica do mundo.

Um grupo de baleias soube das fotos da Jacqueline e, sem pensar — o que levaria muito tempo — decidiu-se pelo gesto supremo. A baleia é uma personalidade suicida, a intransigência moral só agravou o processo. Mataram-se para nos salvar. Na costa do Rio Grande do Sul para sensibilizar o *Correio do Povo*.



A preguiça

Tenho uma simpatia visceral pela preguiça.

Aquele bicho que passa a vida pendurado pelo rabo, de cabeça para baixo, e se dedica à contemplação das coisas pelo inverso. Há outros animais contemplativos na natureza mas nenhum com tanta convicção da própria inutilidade. O boi, por exemplo, é lento e filosófico mas há uma certa empáfia na sua ponderação. O boi tem o ar de quem está só esperando que lhe peçam uma opinião. O boi tem teses sobre a vida, é que até hoje ninguém se interessou em saber. O hipopótamo é outro falso acomodado. Só o fato de ser anfíbio denuncia uma inquietação secreta. O hipopótamo tinha outros planos. O elefante? Um megalomaníaco. Depressivo.

Não passou da fase anal retentiva, o que se manifesta em excessivos cuidados com a higiene e em certos pudores irracionais. Um elefante nunca morre na frente dos outros, e o que é mais íntimo do que a morte? A vida é uma provação para o elefante.

A preguiça não quer nem saber. A preguiça é um macaco que deu errado, um equívoco da evolução, e ela se esforça para não chamar a atenção para o erro. Se me descobrirem, me extinguem. Uma vez perguntaram a Darwin sobre a preguiça e ele fingiu que procurava um lápis embaixo da mesa. Todo animal tem uma função no universo. Pode ser a mais prosaica, como comer formiga, mas tem. Menos a preguiça. A preguiça não serve para nada. É uma espectadora do drama da criação. E mesmo como espectadora é incompetente, pois vê tudo de cabeça para baixo. Ao contrário. O sol não se levanta para a preguiça, ele cai do horizonte como um ovo da galinha. O céu é o chão e o chão é o céu da preguiça.

O espantoso é que com tanto sangue lhe subindo à cabeça a preguiça não tivesse desenvolvido o melhor cérebro do mundo animal. Há quem diga que desenvolveu, que a preguiça já pensou em tudo e resolveu que não valia a pena. Com duas semanas de existência, com o sangue fazendo o cérebro crescer duas vezes mais depressa do que o de qualquer outra espécie, a preguiça já tinha

esquematizado toda a progressão da vida na terra, desde o homem-macaco até o Clovis Bornay, desde a roda até o foguete e desde o tambor tribal até a ONU.

E desistiu, antes de começar. Hoje o sangue lhe sobe à cauda, a preguiça não quer nem saber. Alguns frutos que estiverem à mão, pensamentos leves...

Para a preguiça nenhuma crise é novidade: o mundo está de pernas para o ar há muito tempo.

Chineses (I)

Você já pensou, seriamente, nos chineses? No tempo que levou para escrever esta frase, nasceram dezessete chineses. Até o fim desta crônica nascerão mais mil. Quando você chegar no fim do jornal, serão cinquenta mil chineses novos no mundo, esperneando e exigindo leite. E não há nada que você possa fazer a respeito. (Ler o jornal mais ligeiro não adianta.) Pense nas consequências. Os problemas de fronteira entre a China e a União Soviética aumentarão, pois bastará um chinês respirar mais fundo e a China invade a Mongólia. Os hindus também estão se reproduzindo geometricamente — isto é, em escala geométrica, o método ainda é o mesmo de sempre — mas na Índia, pelo menos, o governo se esforça para conter o pessoal. Na China a procriação é estimulada. Vamo lá! Vamo lá! Quando o velho disse que todo o poder sai da ponta de um fuzil ele estava sendo mais metafórico do que de costume. A China não vai precisar da bomba para derrotar o Ocidente. Eles vão nos ganhar no empurrão. Quando, no Pentágono, se derem conta da coisa e correrem para disparar os foguetes, será tarde demais.

Haverá uma comunidade chinesa acampada na Sala de Guerra, no caminho do botão. Eles vão nos derrubar no calço!

Pense nas consequências. O mundo cheio de chineses. Toca o despertador na casa de uma típica família classe média em algum

subúrbio do Ocidente.

— Querida...

— Sim?

— Pede para o chinês do teu lado desligar o despertador. Está na hora de levantar. .. Com licença, com licença...

Mais tarde: — Olha, os chineses do chuveiro estão começando a reclamar.

— O que foi?

— Dizem que um banho por dia por pessoa da família é demais. Eles estão se molhando quatro vezes por dia, não conseguem secar a roupa...

Onde estão as minhas calças?

— No guarda-roupa, atrás do chinês da esquerda.

— O baixinho?

— Não, o outro. O baixinho nós botamos no armário das crianças, você não se lembra?

— E os meus sapatos?

— Embaixo da cama.

— Deixa ver. Ah! Te peguei! Adúltera!

— Como?

— Há um homem estranho embaixo da cama!

— São os quatro chineses de sempre...

— Hoje são cinco. E um não é chinês!

Em outras chinês palavras chinês os chineses estarão por toda a chinês parte chinês chinês chinês.

Você chinês chinês não chinês poderá chinês dar um passo chinês chinês sem esbarrar num chinês chinês chinês chinês esbarrando em outro chinês chinês chinês chinês ou num hindu.

Chineses (II)

...chinês, chinês, chinês, chinês... Atendendo a inúmeros pedidos que eu mesmo fiz diante do espelho, continuo hoje as terríveis

considerações sobre o que será do mundo quando houver dois chineses por cada metro quadrado de terra seca, e dois chineses pela cintura por metro quadrado de terreno alagadiço.

Em primeiro lugar, desaparecerão todas as nossas noções atuais de vida privada. Tudo terá que ser feito na frente dos chineses. O que não será tão ruim, a não ser que os chineses que ocuparem, por exemplo, nossos quartos de dormir se revelarem críticos com alguma ironia. Que desempenho conjugai será possível entre comentários sarcásticos sobre estilo, duração, dimensões, frequência, etc.?

— Já?!

— Ainda bem que terminou. Se continuasse assim por mais um minuto eu ia começar a vaiar...

— Ele não é mais o mesmo.

— Talvez porque ela seja sempre a mesma...

— Ri, ri, ri...

Mas nem todas as perspectivas são terríveis. Os chineses tornarão desnecessários todos os modernos — e caros — meios de telecomunicação. Em vez de passar um telegrama, você só terá que abrir a janela e dizer para o chinês mais próximo: — Telegrama para o Rio de Janeiro. Rua tal, número tal. “Consegui um lugar na lista de espera do Super Jumbo pt Estarei no Rio dentro de dois anos pt Abraços.” Passe adiante.

O chinês da janela passará a mensagem para o chinês do seu lado, este a passará para o chinês do seu lado, este para outro, o outro para outro e assim por diante até ela chegar ao Rio de Janeiro. É claro que o último chinês da corrente dará o recado trocado — sempre haverá um safado entre Registro e São Paulo que mudará tudo — mas pelo menos será bem mais barato.

Nas salas de visita, uma votação decidirá o programa de TV a ser visto cada noite.

— Aqui estão os resultados. Atenção: a favor do *Fantástico*, oitenta votos. A favor do *Jogo Aberto*, setenta e dois. Os donos da casa, ridiculamente, votaram no *Flávio Cavalcanti*. Cinco votos.

— Ri, ri, ri...

E as filas? Você receberá um telefonema no meio da noite. Quer dizer, o chinês da janela baterá na vidraça e transmitirá um recado urgente. Morreu um chinês na sua frente na fila do cinema. A vaga é sua, mas corra!

O filme é *Kung Fu contra o bisneto do chefão*.

Há oito anos que você espera para entrar no cinema.

Você já subornou oitocentos chineses para chegar mais perto da bilheteria. E agora há uma vaga na sua frente. Você sai correndo, pisando em chineses. Só para descobrir que o chinês que guardava o seu lugar na fila casou com a chinesa da frente, teve sete filhos enquanto esperava e pegou a vaga para o seu primogênito.



Haverá filas para entrar em filas. Os trens urbanos serão tão compridos que se estenderão do princípio ao fim da linha, sem se mexer. Você correrá por dentro do trem, por cima de chineses, para chegar onde quer ir — e entrar na fila. As crianças serão colocadas nas filas do INPS logo depois de nascerem para chegarem ao guichê a tempo de reclamar aposentadoria.

Cada dois chineses plantarão um pé de soja no seu metro quadrado de campo. A atenção ao pé de soja será total. O método

de cultivo será tão artesanal que o pulgão morrerá por estrangulamento, ouvindo insultos pessoais o tempo todo.

E o pior não é isto. Imagine a luta para arranjar lugar em restaurante no sábado!

Os árabes

Nada mais importante, hoje em dia, do que saber tratar com um árabe. Tem gente que, numa precavida revisão de expectativas, deixou de estudar japonês e passou a estudar a cultura árabe e as principais frases no idioma do Alcorão, tais como “e os juros?” ou “o amigo não tem uma filha em idade de casar com brasileiro?” ou ainda “Me adota! Me adota!” Uma advertência no entanto. Os árabes dão grande importância à formalidade. Nós nos acostumamos mal com os descendentes de árabes no Brasil, pois estes, na sua maioria, não ligam para essas coisas. Você pode chegar para o Mafuz e reclamar — “Como é, aquele quibe sai ou não sai?” — que nada lhe acontecerá, eu espero. Num país árabe, isto seria uma afronta. Tudo deve seguir o seu ritual. Às vezes, um gesto menos estudado pode ter consequências terríveis, para você e para a sua família, por várias gerações. Há o caso de um europeu que ousou tirar um fio de cabelo da lapela de um árabe, durante uma conversa, e até hoje não passa dia sem que um filho ou neto seu sofra uma tentativa de atropelamento por uma Mercedes preta, onde quer que esteja. Para o empresário gaúcho que pretende entrar em contato com os árabes, aqui vão algumas recomendações.

Lembre-se de que tudo é simbólico. Se você botar o dedo no nariz, na frente de um árabe, não se espante se ele se atirar no chão e começar a rolar e a gemer, pois o que você insinuou sobre a mãe dele, francamente! Seja sutil. Não diga, de cara: “Preciso tantos milhões com prazo de tantos meses”. Diga, por exemplo: “A tamareira não é uma tamareira antes de dar tâmaras”. Ele olhará no fundo dos seus olhos durante quinze minutos, em silêncio, e depois dirá alguma coisa como: — O Profeta disse que o fruto está na semente, e não a semente no fruto.

Aí você diz (cuidado para não piscar, pois isso significará que você desconfia que ele não tomou banho aquele dia): — O Profeta

comeria a abelha em vez do mel?

— Todos os grãos de areia são iguais, mas o deserto é diferente a cada manhã. Será porque o vento é cego?

Você pensa durante meia hora e responde: — Se cada grão fosse diferente, não existiria o vento.

Aí ele massageará a orelha esquerda e dirá: — Nem o Profeta se alimenta de sementes. Você conseguiu! Agora só resta perguntar: — E os juro?

Só cuide para não tocar no joelho dele, senão o seu carro explodirá na saída.

Para ver

São as seguintes as estreias da semana: *O ventre negro da tarântula* — Comédia. Um cientista coleciona aranhas para fins inomináveis.

Também gosta de perseguir mulheres com uma faca para estripá-las, o que o torna um fracasso social.

Cansadas da sua dieta interminável de pâncreas de mulher, as aranhas se revoltam e marcham contra o Palácio do Governo, mas esta cena a Censura cortou.

Há vários *doses* de desmembramentos, uma decapitação, uma ânsia de vômito e dezessete extirpações de calo pelo método Scholl. Neste filme, Drácula é o *mocinho*!

Sartana, o matador — Drama psicológico.

Sartana chega numa cidade do oeste americano, na Sardenha, e mata todo mundo. Menos quatro, para completar a mesa de pôquer. Mas aí dá briga no pôquer e ele mata os quatro também. Neste filme é empregado pela primeira vez o processo Blood-O-Bath, uma invenção italiana que faz o sangue esguichar quatro metros a cada perfuração de bala. A Censura cortou uma cena que mostra duas crianças se beijando na face, pelas possíveis implicações políticas.

Django e Sartana até o último sangue — Drama social. Sartana não gosta da cara de uma velhinha e lhe dá um pontapé na barriga. Acontece que a velhinha é a mãe de Django. Django reclama: "Na minha mãe, bato eu!" Sartana, só por birra, degola a velhinha. Django não gosta. Pega o cadáver da mãe pelos pés, correndo atrás de Sartana, para atirar na sua cabeça. Sartana se refugia num matadouro.

Caem os dois num barril de sangue de porco e começam a rir. Tudo acaba bem. A Censura cortou uma alusão à "democracia liberal".

O justiceiro cego — Musical. Co-produção tcheco-boliviana, feita na Espanha. O filho de Al Capone resolve vingar a morte do pai. No fim do filme descobre que o pai teve morte natural e desiste. O

ponto alto de toda a produção é o bombardeio, com napalm, de um asilo de órfãos cegos mas este é o único momento de leveza do filme. A Censura cortou a palavra “puxa!” da trilha sonora e uma sugestiva piscadela da heroína Sonja Henie.

Assassinato no 17º andar — Comédia romântica. Uma mulher é atacada sexualmente pelo cabineiro do elevador do seu prédio. O marido vai vingá-la e é atacado também. Vem a polícia e também marcha. Chamam a Guarda Nacional. O cabineiro entreabre a porta do elevador e desafia: “Venham dois a dois sem baioneta que vocês vão ver!” No fim, os condôminos do prédio tomam uma atitude drástica: passam a usar a escada. A trilha sonora é de Michel Legrand e inclui o sucesso: *Lotação máxima, seis pessoas ou 480 quilos*. A Censura proibiu toda referência a eleições diretas e sodomia.

Sangue no sarcófago da múmia — Infantil. Um grupo empresarial abre um bordel para necrófilos na Transilvânia. Há cadáveres para todos os gostos. A caftina (Sir John Gieguld) recebe clientes especiais com cochichos: “Há uma recém desenterrada no 19, novinha!” e os clientes em vez de perguntarem “Como é que você caiu na vida?” perguntam “Como é que você morreu?” Etc, etc. As crianças vão adorar.

As cenas da cesariana e do atropelamento, além de excitantes, são educativas. A Censura só cortou a cena de dois adultos normais se beijando (na boca!) por ser atentatória aos bons costumes. Este filme ficou retido em Brasília até que decidissem se ele insultava ou não o povo da Transilvânia, país com o qual o Brasil mantém relações diplomáticas. Aí a Censura descobriu que a Transilvânia não existe mais. Aí...

OS SCRDOS (II)



Euforia

O ambiente, dentro do avião, é de malcontida euforia. As aeromoças já desistiram de manter a ordem e se refugiaram na cauda do aparelho. (Mais tarde, quando descerem em Buenos Aires, o fato de uma das saídas do Boeing ser pela traseira será motivo de gritos e gargalhadas.) A única preocupação dos passageiros é o avião fretado que decolou do Aeroporto Salgado Filho quinze minutos antes deste. E se quando chegarem lá o cinema já estiver lotado de porto-alegrenses?

— Estou torrando o dinheiro do aluguel nesta excursão — confia orgulhosamente uma senhora para o seu vizinho de banco. Que, devido à algazarra, não ouve bem e responde: — Pois eu tenho que dar um jeito de voltar a Porto Alegre esta noite mesmo. Disse pra minha mulher que ia na farmácia e já voltava!

Noutro ponto do avião, um gerente de banco declara para o seu vizinho, um balconista de fiambreteria, com a voz embargada: “Este é um dos momentos mais emocionantes da minha vida”. O outro engole em seco e faz que sim com a cabeça.

“Eu também nunca pensei que um dia estaria indo ver esse filme. Já vou ter o que contar para os meus netos. Parece um sonho.”

Improvisa-se um cordão de carnaval pelo corredor do avião. Alguém grita: “Olha a manteiga!” e tem gente que rola no chão de tanto rir. Súbito, pelos alto-falantes, vem uma notícia da cabina de comando: — Atenção, senhores passageiros, acabamos de descobrir que há passageiros clandestinos presos ao nosso trem de aterrissagem. Teremos que voltar ao Aeroporto Salgado Filho.

Ouvem-se urros de protesto. Ninguém quer voltar.

— Sacode as asas! Sacode as asas!

Um grupo de contabilistas sequestra uma das aeromoças e consegue entrar na cabina de comando.

Exigem que o piloto siga até Buenos Aires. O piloto dá de ombros e concorda. Afinal, falta só meia hora de viagem.

A euforia aumenta. Uma senhora — que ganhou a viagem numa rifa beneficente do seu grupo de chá — começa a se erguer para aderir ao cordão de carnaval e de repente mergulha outra vez na poltrona. Avistou seu marido, que lhe tinha dito que só ia até a farmácia, o safado!

No dia seguinte, metade dos passageiros está de volta a Porto Alegre. A outra metade não conseguiu entrar no cinema na noite anterior e está acampada em frente à bilheteria, esperando a primeira sessão da tarde. Um senhor lamenta-se na fila da alfândega.

— Foi uma loucura o que eu fiz. Tirei todas as minhas economias do banco, entrei num avião pela primeira vez na vida, tive que entrar no cinema a cotovelaços, acabei assistindo ao filme ajoelhado no corredor... Uma loucura. Mas valeu a pena. Pelo menos, agora eu posso dizer com certeza que o filme é mesmo uma pouca-vergonha. A Censura fez muito bem em proibir aqui!

Os passageiros clandestinos — três escriturários — fogem de um hospital de Buenos Aires e entram, furando a fila e sem pagar, no cinema. De volta a Porto Alegre, um deles é entrevistado no seu leito de hospital — perdeu todo o lado esquerdo na engrenagem do avião, na volta — e faz considerações sobre o filme. “Fraco. Atuação displicente de Marlon Brando, que nem tira as calças.

Gostei da fotografia. Quanto à música...”



ESTA TRANSFERÊNCIA
AFETIVA PARA O ANALISTA
É COMUM NA PSICANÁLISE.



VOCÊ VENCEU A SUA
DEPENDÊNCIA EDIPAL E É
NATURAL QUE PROCURE UM
SUBSTITUTO. AGORA,
SÓ TEM UMA COISA: PRE
DE ME CHAMAR DE MÃE!



O último tango na Cavalhada

A história é a seguinte. Um homem, quarentão, amargurado (sua mulher fugiu com um fiscal da prefeitura), vai ver um apartamento do BNH na Cavalhada. Da cintura para cima ainda é um homem bonito, mas da cintura para baixo mal pôde aguentar os três lances de escada. Encontra uma jovem, de calça justa Lee, e lá também, e aqui então nem se fala, e Frente de Libertação Nacional, que é a Frente Única mal-intencionada. Amam-se apaixonadamente, rolam pelo chão, ele beija todo o corpo dela enquanto ela apara as unhas do pé dele com os dentes. Aí os dois se levantam e entram no apartamento.

— Não quero que o senhor pense que eu sou dessas — diz ela.

A frase, segundo os críticos brasileiros que ainda não viram o filme, revela a ambiguidade moral da herança judaico-cristão no Ocidente, e vice-versa, mas Sérgio Augusto, na *Veja*, lembra que é uma citação direta do que Myrna Loy disse para Walter Pidgeon, no set da Paramount em 1944, durante um intervalo de filmagem. A câmara se fixa durante cinco minutos no zíper das calças do homem.

Surpreendido com a atenção, o zíper desce e sobe sozinho duas vezes. A Censura não gosta e toma notas. Na trilha sonora toca *Manteca*, um prenuncio de coisas por vir. Dezesete espectadores sentem os primeiros sintomas de dissolução moral e correm para o banheiro.

Dentro do apartamento o homem e a moça tiram toda a roupa de novo e amam-se apaixonadamente. Rolam pelo chão. Desta vez ela beija todo o corpo dele enquanto ele apara as unhas do pé dela, mas com um pequeno alicate que traz sempre no bolso para estas ocasiões. (“O engenho masculino e a barbárie feminina!”, sugere parte da crítica. “Bobagem”, diz a outra parte. A Censura limita-se a sorrir.) No clímax do ato, fotografado por *Manchete, Realidade, Fatos & Fotos, Vida Mecânica* e *A Razão de Santa Maria*, ele geme: — Enfia os dedos no bolso da minha calça e pega um maço de Minister.

Os dois descobrem que não estão sozinhos.

Estão cercados pelo inquilino do apartamento e sua família, que acabavam de almoçar. O inquilino é um funcionário público aposentado que não pode mais pagar as mensalidades do BNH — doze milhões por mês, com a correção monetária — e quer saber, desconfiado, se eles vieram ali para despejá-lo. O homem põe as calças, mas não consegue fechar o zíper que, enlouquecido pela súbita celebridade, insiste em atuar sozinho. A menina, com a pressa, veste sua frente-única de trás para diante, o que irrita profundamente a Censura. (Perversão, não!) Os fotógrafos são expulsos do apartamento. Quatro quintos da plateia já estão decadentes, o resto sucumbirá logo. E o mezanino não escapa.

A ação torna-se confusa. A nudez frontal aparece pela primeira vez no cinema mas o porteiro não deixa entrar. Finalmente fica esclarecido que o homem e a moça entraram no apartamento errado, o de cima é que tem a manteiga. Sobem a escada. Na metade da subida, tiram toda a roupa de novo e amam-se apaixonadamente. Rolam escada abaixo, machucando-se sem gravidade. “Como é seu nome?”, quer saber a moça. “João”, diz o homem, inventando um nome na hora. “E o seu?” Ela pensa rapidamente. Finalmente diz “Ludmila Patachou”, mas sente que ele não acredita. (Parte da crítica prepara-se para propor que o anonimato dos dois simboliza o “ser enquanto arquétipo pré-cultural” de que nos fala Bazin, quando não tem nada melhor para dizer, mas desiste diante do olhar irônico da outra parte. A Censura sai para uma média com pão e man... Meu Deus! Suspende o pão! Suspende o pão!) Dentro do apartamento os dois tiram toda a roupa de novo — a esta altura ele é que está usando a frente-única — e amam-se apaixonadamente.

Rolam pelo chão. As editoras reúnem-se com a Censura e fica decidido que o filme jamais passará no Brasil, para qualquer idade, mas poderá ser descrito e mostrado em detalhes em todas as revistas da família brasileira. A moça levanta-se, veste as calças do homem e vai até a geladeira, onde descobre que a manteiga está muito dura. Volta para avisar o homem e descobre que só da cintura para cima ele ainda se move. (“A morte do instinto numa sociedade

mecanizada!”, exclama parte da crítica. “Acho que não”, diz a outra parte.) Aí...

Herói juvenil

Que fim levou o Roger Vadim? Não é uma preocupação trivial. É que aquela geração que ficou adulta, ou coisa parecida, no mesmo momento em que Brigitte Bardot revelava o seu popô ao mundo viveu, desde então, uma certa confusão intelectual.

Sabíamos que alguma coisa importante tinha nos acontecido no novo cinema francês, mas sempre imaginamos que fosse algo sério, uma proposta de engajamento pela arte, a ideia de que a segunda sessão do Ópera era, não uma perda de tempo, mas um aprendizado para a luta possível. Resnais, Godard, talvez Chabrol, mas jamais Vadim, um juvenil e um inconsequente. E hoje, mais velhos e safados, descobrimos que o que estava nos acontecendo de importante era mesmo o popô da Brigitte. Vadim é que era o cara. Levamos quinze anos para reconhecer esta admiração secreta. E hoje nos perguntamos, com remorso acumulado: que fim levou o nosso herói?

A Brigitte era virgem quando casou com o Vadim. Dado histórico. E Vadim transformou a sua esguia virgem provinciana no símbolo mundial do sexo sem culpa. Brigitte foi a primeira magrinha.

Com ela, Vadim deflorou todas as convenções do erotismo no cinema. A tradição literária de Candide, da ingenuidade solta num mundo pecaminoso, Vadim substituiu pelo ideal juvenil da sensualidade sem pecado e sem castigo. Com Brigitte, ao contrário de Candide, a inocência vencia porque atacava primeiro.

A inocência predatória, com o popô de fora, irresistível. Nenhum filme político teve tanta influência nos costumes do mundo, ou foi mais divertido.

Jane Fonda também era virgem quando encontrou Vadim, pelo menos simbolicamente.

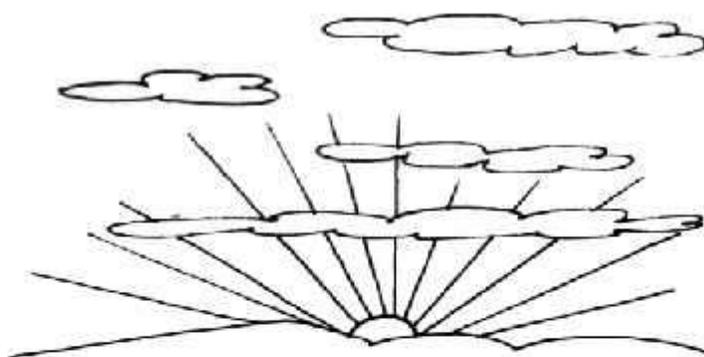
Jovem americana, poucas ideias mas grandes pernas, tentando a Europa. Saiu do casamento com Vadim com uma filha e uma consciência social, mas aposto que ele, hoje, quando pensa nela, deve se lembrar só das pernas. Quem mais? Meu Deus, Catherine Deneuve. A que, segundo o José Onofre, está sempre com ar de gripada mas que mesmo assim nenhum intelectual de esquerda jogaria fora.

Ele a teve também. E a Annette Stroyberg. E — ouço a plateia do Ópera exultando no escuro, lá se vão quinze anos de respeito e inveja — nenhuma jamais se queixou!

Que fim levou esse cara? Retirou-se para a vida contemplativa, o campo, alguns cachorros e suas memórias? Ficou impotente e agora só tem prazer flagelando velhas camponesas? Trabalha para a televisão? Ou nós estamos só mal informados e ele continua fazendo filmes que nunca chegam ao Brasil?

Vadim nunca foi um grande diretor. É um herói cultural reabilitado porque sabia, muito antes do que qualquer um de nós, que para ser um intelectual, hoje em dia, basta parecer um intelectual. Duas ou três ideias e uma gola rulê, se tanto. Ninguém vai checar as suas credenciais. Todas as veleidades intelectuais de Vadim ele satisfez em alguns filmes profundos na superfície e, no fundo, superficiais, mas redimidos pelo seu vigor juvenil, pelo seu gosto em fazer cinema. Tinham a aparência de algo muito importante, não era preciso mais nada. Há quinze anos nós exigíamos mais do cinema do que uma superfície atraente. Hoje sabemos que o cinema de Vadim era só um pretexto para dormir com a atriz, e isso nos parece uma grande conquista cultural, e um consolo.

Pois se não mudamos o mundo nem com luta nem com arte — pois se nem saímos de Porto Alegre — podemos dizer que não queríamos mudar nada mesmo. Queríamos é dormir com a Brigitte. Vadim nos realizou a todos.



LEGAL! QUEM
É QUE PATROCINA?



Retribuição

Não faz muito, as pessoas culpavam a bomba atômica pela inconstância do tempo e pelas catástrofes naturais. Os testes atômicos de americanos e russos, na superfície da Terra, supostamente abalavam o esquema pré-ordenado de ventos e nuvens do planeta e os resultados eram acessos tropicais na Patagônia e súbitos invernos no Piauí. “Estão mexendo com a natureza...”, diziam as pessoas, em tom sombrio e ominoso. Não demorava e as detonações atômicas desprenderiam de alguma remota geleira polar a Besta Final que espalharia o terror pelos continentes como retribuição do mundo natural às ofensas da ciência.

Ninguém discute que os testes atômicos eram criminosos, por outras razões, mas sempre achei muita graça das pessoas que pregam a inviolabilidade da natureza. Na maioria das vezes, são pessoas que desfrutam, dos pés aos cabelos, todos os benefícios na natureza violada. A civilização é um ultraje à natureza. Quase todo conforto material é antinatural. A medicina, nem se fala.

Existe violação mais radical da natureza do que uma intervenção cirúrgica, por exemplo, ou o controle bacteriológico, ou todas as formas de imunização?

Isto não tem nada a ver com ecologia, pois o desequilíbrio ecológico, um perigo real, ameaça o ambiente humano, não uma vaga e reverenciável pureza geográfica.

Ultimamente, como só os franceses, em esparsos exercícios de *grandeur*, fazem testes atômicos acima da superfície, começou a renascer a ideia do cataclismo como retribuição divina ao mau comportamento humano. Há pouco, na coluna do Dr. Corção, li a sugestão de que o terremoto da Nicarágua era um aviso à humanidade pelos seus desatinos. E ninguém estava sorrindo nem fazendo literatura, era sério. O terremoto foi contra a tanga e o

topless. E, como todo apelo ao primitivo, a formulação não deixa de ter uma certa simplicidade lógica e atraente. Me digam uma coisa, aquele vulcão não explodiu na Islândia logo depois da estreia do *Último tango em Paris*? Hein? Hein?

Lembro uma versão antiga de *Os quatro cavaleiros do Apocalipse* em que a dissolução final da sociedade era simbolizada por uma multidão enlouquecida dançando o *boogie-woogie*. É que antigamente era mais fácil identificar o pecado.

Qualquer coisa mais ligeira do que uma valsa era uma capitulação ao Demônio. Hoje, com a Igreja dividida, a nudez triunfante, a nossa vida sexual totalmente exposta ao escrutínio científico, a pílula aí mesmo, o Demônio em desuso, o difícil é saber quando se está pecando ou apenas seguindo a moda.

E então é fácil imaginar um diálogo mudo entre Deus e o Homem, o Homem experimentando e Deus sinalizando — com tremores de terra, furacões, avalanchas, raios — o que pode e o que não pode.

— Querida, deixa...

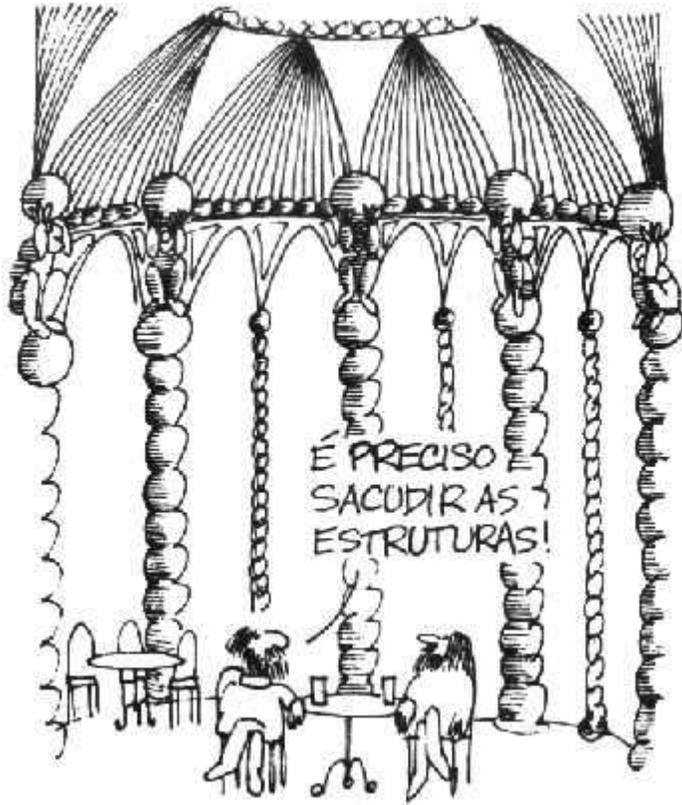
— Não, isso não. Nunca mais.

— O que qui tem, meu bem? Ninguém vai ficar sabendo.

— É que da última vez inundou toda a costa oriental do

Paquistão!

Por exemplo. Diz que na manhã em que os jornais publicaram toda a extensão das enchentes catastróficas no interior do Estado, teve um cara que abriu de um golpe uma janela de segundo andar da Marli e gritou para a rua, compungido:
— Culpa minha! Culpa minha!



Gênero

Tem uma coisa que as pessoas dizem — fulano faz este ou aquele “gênero” — que eu acho muito bom. A mulher que “faz o gênero sentimental”, o homem que “faz o gênero distraído”. É uma maneira de dizer que boa parte da nossa personalidade pública é simulada, ou pelo menos escolhida e cultivada como um tipo entre outros tipos. É uma maneira menos empolada de dizer que a existência precede a essência, que você é o que parece ser. No fim, nós só existimos na retina dos outros. Robinson Crusóé não descobriu, nas pegadas do índio na praia, a promessa de companhia e de um fim para a sua solidão, descobriu uma chance de voltar a existir. A gente não vive, convive.

Albert Camus escreveu que a única questão filosófica é o suicídio. Eu acho que há outra, menos dramática mas tão angustiante: um homem na frente do espelho. Uma pessoa sozinha com a própria imagem. Não sozinha com ela mesma mas sozinha com um falso outro. O encontro da pessoa com o seu tipo. Você reage à própria imagem, pensa, lembra, lamenta, imagina, mas o tipo no espelho não reflete nada disso. O seu “gênero” não tem vida interior.

Vida interior é uma coisa que não existe. Ninguém tem outro por dentro. A ideia de que você, o verdadeiro você, é um refúgio secreto para o qual você volta todas as noites e deixa a fantasia do dia num cabide — enfim, só! — é pena mas é um engano. Você é a fantasia.

Mas o que eu queria falar era sobre as batatas de gravidez. Até há pouco tempo a moda — a fantasia — refletia alguma coisa. Um *status*, uma convicção, um pudor, alguma coisa da sua vida interior ou da sua ambição. A roupa era uma informação que você dava aos outros sobre o você secreto ou o seu tipo público. E o seu “gênero” — sóbrio, alegre, desleixado, não me importo o que pensem, exótico, conservador — era para sempre. De repente, tudo mudou. Não foi tão de repente assim mas eu não tenho tempo de ficar

lembrando a evolução das coisas. A moda passou a não informar mais nada.

Hoje, a minissaia é tanto um convite à luxúria quanto a calça comprida é um problema de recato, e experimenta chamar o próximo cidadão de calça furta-cor e camisa rosa-bumbum que passar por você de bicha, é capaz até de ser o Valdomiro. A revolução proletária ainda encontra dificuldades, mas a linha Mao conquistou o Ocidente em algumas semanas e acabou antes que você pudesse dizer “chamem os fuzileiros!”

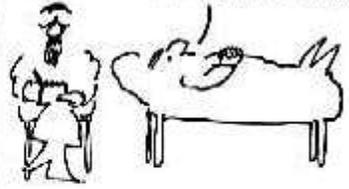
Hoje tem menininha de doze anos fazendo o gênero mãe solteira. Parece que vendem até uma almofadinha para pôr embaixo da bata e simular a vida interior. É claro que a moda desaparecerá antes de nove meses, mas o que eu quero dizer é isto: o que é mesmo que eu quero dizer? Que estamos finalmente descobrindo que as leis do convívio é que regem a conduta. Ou coisa parecida. Que aquele ser secreto que a gente procura em vão no espelho — e não encontra porque tem sempre aquele tipo vazio nos olhando nos olhos — é tão falso, e tão dispensável para o convívio, quanto a gravidez para a moda das batas. Nos Estados Unidos já estão vendendo plantas de maconha artificiais, para você botar num pote no meio da sala e fazer o gênero devasso.

Plantas de plástico! Não sei se faço o gênero cronista desencantado da vida e termino com uma reflexão sobre a Transitoriedade da Moral ou faço o gênero descompromissado com tudo, eu estou no mundo a passeio, e termino com reticências. Vá lá, reticências.

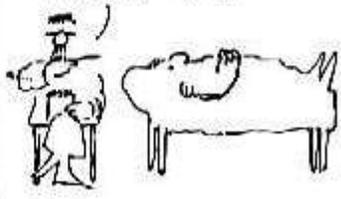
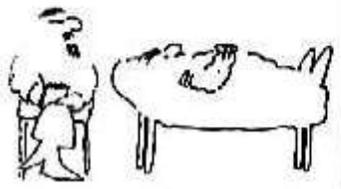
CHEGUEI À CONCLUSÃO QUE OS
MEUS PROBLEMAS EXISTENCIAIS
NÃO SÃO **NADA** COMPARADOS AOS
PROBLEMAS ECONÔMICOS DE HOJE



A ÚNICA COISA QUE IMPORTA É
O DINHEIRO, A INFLAÇÃO MUNDIAL,
A RECESSÃO ECONÔMICA...
ISSO É QUE DEVE NOS PRE-
OCUPAR. A FOME, A MISÉRIA..



VOCÊ RECEBEU
A MINHA CONTA



Corrente de Santo Eurides



Esta corrente vem do Peru e foi escrita por Benevides de Obregon y Obregon para percorrer o mundo e trazer a fortuna e a felicidade para quem não interrompê-la.

Faça sete cópias e mande para sete pessoas.

Dentro de sete dias você será recompensado por Santo Eurides. Um dentista da Patagônia deu prosseguimento imediato à corrente e foi recompensado uma semana depois, quando atingiu o nervo exposto de um paciente, este lhe deu um pontapé que o fez cair de costas pela janela na frente de uma bicicleta em alta velocidade. Por interferência de Santo Eurides a bicicleta capotou antes de atingir o dentista, que nada sofreu. O ciclista morreu.

Já uma manicura em Manágua, Nicarágua, recebeu a corrente e a amassou com gestos nervosos antes de atirar-se sobre um sofá aos prantos, decepcionada, pois pensava tratar-se de uma carta de seu amante, um sargento da Guarda Nacional supostamente envolvido na importação clandestina de chiclé-balão. Sete dias depois a manicura foi rezar na igreja no momento exato em que dois colecionadores americanos fugiam pela porta com metade do altar, da época colonial, perseguidos pelo padre com um castiçal de bronze. O padre tropeçou na manicura, que foi presa por engano como cúmplice dos americanos. O sargento recusou-se a intervir. Houve um terremoto.

O Sr. Brício Fazetão, de Teresina, acreditou na corrente e mandou para sete parentes. Na mesma semana sua cadela Trajana deu cria, o Sr. Brício fez doze pontos na Esportiva e uma sobrinha da sua mulher encontrou os restos calcinados de um satélite meteorológico dos Estados Unidos, onde o clima melhorou e as safras não se perderão por completo, segundo os jornais.

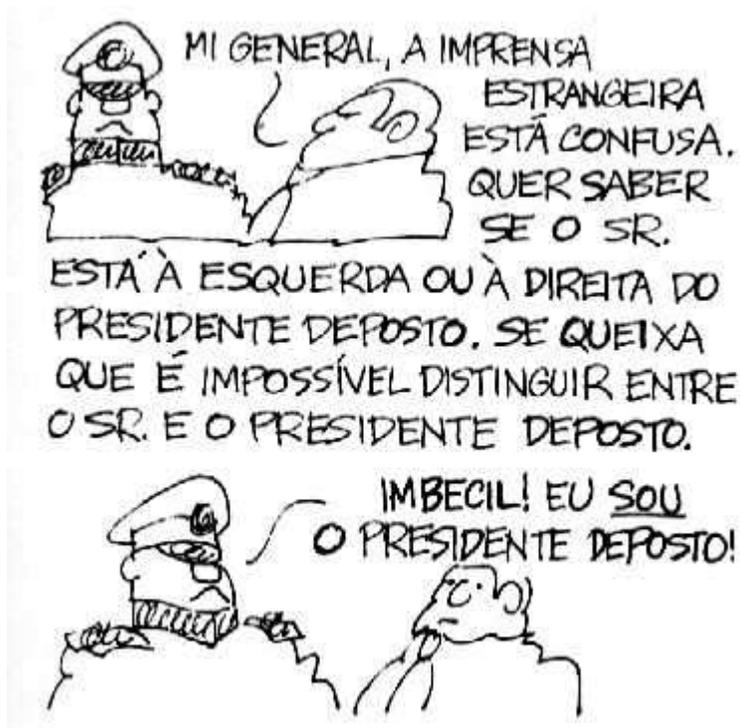
O escrivão Manolo Pinchas, de Antofagasta, não ligou para a carta, prendeu fogo nela, atirou-a no chão, pisou em cima, começou a gritar como um louco e foi recolhido na mesma hora.

O informante do FBI, Roy M. Boy, da Califórnia, recebeu a corrente num momento decisivo da sua vida, quando precisava decidir se entrava definitivamente para o Partido Comunista — que ele frequentara para o FBI, como informante, durante vinte anos, e ao qual se afeiçoara — e casava com Lívia, uma anã contorcionista, ou emigrava para o norte do Paraná depois de casar com Moira, uma analista de sistemas gigante. Não deu bola para a carta e sete dias depois foi atacado, estranhamente, pela lagarta da soja. Lívia prendeu um pé no pescoço e não conseguiu tirar. O Partido Comunista não o aceitou e pediu que Roy fosse um informante deles dentro do FBI. Roy lembrou-se então da carta, mandou sete cópias, e hoje tem uma lancheria em Londrina, dois filhos — Roy Júnior e Itapiru — e dinheiro no banco.

Não interrompa a corrente. Faça sete cópias desta carta e mande junto com um cruzeiro para sete pessoas, sendo seis da sua escolha

e a sétima Luís Fernando Veríssimo de Porto Alegre, Brasil, que precisa ir à Europa, por Santo Eurides. Amém.

Artes marciais



As artes marciais do Oriente — caratê, kung-fu, etcétera — estão em grande evidência em toda parte, mas poucos conhecem o mais antigo sistema de defesa pessoal do mundo, o milenar borra-dô.

Introduzido no Brasil há pouco, o borra-dô já tem uma academia montada em Porto Alegre, e foi lá que conversamos com seu diretor, o nipo-paulista Imajina — Antonino Imajina — sobre o insólito método. Imajina começou com um breve relato histórico do borra-dô, que é a arte de evitar a briga.

Seu inventor foi o monge budista Tsetsuo Tofora, conhecido como O Pulha de Osaka, que viveu até os cento e oitenta anos e desenvolveu os principais golpes e preceitos desta mistura de religião, filosofia e instrução marcial.

— O borra-dô se divide em quatro fases, cada uma identificada com um animal — explicou-nos Imajina. — A primeira fase é a da Mulher (que O Pulha classificava, como animal, entre a lesma e o

tubarão) e consiste em falar sem parar diante do adversário que nos ataca.

— O que deve ser dito?

— O Pulha, nos seus Ensinamentos, nos dá alguns exemplos.

“Minha mulher está grávida, minha casa queimou, eu sustento dezessete tios e o médico recomendou que não era para eu apanhar antes de se passarem dez dias da operação no crânio!” Ou então: “E se a gente se sentasse em algum lugar para discutir isto civilizadamente, digamos sem ser nesta segunda-feira, a outra?” Ou, ainda: “Meu primo é general!”

— Qual é a segunda fase?

— É a da Cobra. Se o adversário se convence com nossas palavras e cessa o seu ataque, devemos então dizer alguma coisa como “Olha atrás!” e no momento em que ele se vira dar-lhe um soco na nuca e ao mesmo tempo gritar a frase ritual “Ha, caiu!”

— E a terceira?

— A da Galinha. Quando o adversário se vira, furioso com o Golpe da Cobra, devemos berrar e pular como uma galinha assustada, de modo a confundi-lo e comprometer a seriedade da situação. Esta é a fase que requer maior concentração, e portanto é a mais difícil. Aliás, só damos o título de Mestre Borra-dô a quem conseguir imitar uma galinha histérica com perfeição. O próprio Pulha, segundo a lenda, passou quarenta anos em meditação dentro de um galinheiro budista, alimentando-se de milho e ovo cru, até conseguir dominar a fase da Galinha.

Claro que, com os métodos audiovisuais modernos, nós conseguimos isto com o aluno em muito menos tempo.

— Qual é a quarta fase?

— Vou demonstrar.

E Imagina saiu correndo. Voltou pouco depois para explicar: — É a fase do Rato, a fase final, a culminância de toda a arte borra-dô. A Fuga. O Pulha só morreu, aos cento e oitenta anos, porque no seu último encontro, depois de completar com perfeição todas as fases do borra-dô, falhou na fase fundamental do Rato, tropeçando na própria barba e caindo de cara no chão, onde foi desmembrado

pelos adversários furiosos. Nós aconselhamos nossos alunos a nunca deixarem crescer a barba.

Imajina completou suas explicações: — Claro que existem variações nas diversas fases. Na da Cobra, por exemplo, quando o adversário for adepto do caratê podemos esperar até que ele se prepare para quebrar uma pilha de telhas com a mão para nos intimidar, e quebrar uma telha na cabeça dele bem na hora do golpe. Ou então...

Errata

Na página 12, linha 16, onde está “Beije-me, desgraçado”, leia-se “Deixe-me, desgraçado”.

Na página 13, linha 39, onde está “...da tia de Heidegger”, leia-se “...da teoria de Heidegger”.

Na página 28, o trecho que começa com a frase “Na água-furtada da mansão” e termina em “riso incontrolável” está completamente truncado. A segunda linha do trecho — “quando Melissa e Rudy surpreenderam Athos abrindo a barriga do gato” — deve ser a quarta. A quarta linha — “não posso, não posso me controlar! Quando a lua entra no quarto crescente eu começo a minguar e...” — deve ser a terceira. E a terceira — “uma linha de lanceiros se estendia por todo o horizonte” — deve ser de outro livro. No mesmo trecho, onde está “açude” leia-se “açoite” e onde está “reumatismo” leia-se “pragmatismo”. O autor não pode garantir que a ortografia da palavra em sânscrito esteja exata. E o ponto e vírgula depois de “bolor dos séculos”, claro, é ridículo.

Página 111, terceira linha: onde está “com pé lindo” leia-se “compelindo”.

Página 118. O autor não conseguiu localizar exatamente onde está o erro, mas é evidente que ele existe. O Dr. Robão não poderia ter participado do encontro com os conspiradores já que — como o leitor mais atento certamente percebeu — o Dr. Robão morreu de uma embolia no terceiro capítulo. É melhor pular esta parte.

Página 200, da linha 20 até o fim da página.

Totalmente ininteligível. Num esforço de memória (pois nem os originais tinha à mão, visto terem sido perdidos — ou jogados fora? — pelo revisor...) o autor conseguiu repor alguma ordem na narrativa.

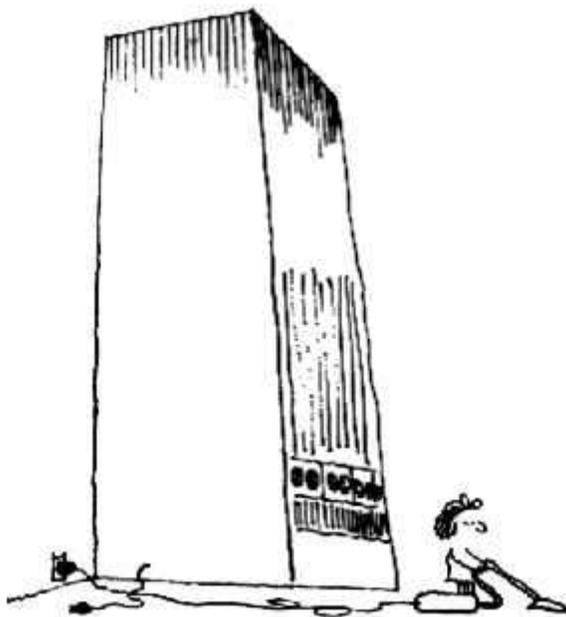
Ludmila não aceita a proposta do príncipe. Declara que prefere morrer a trair seu marido (e não “prefiro Momo a traíra no mar”, como saiu). Expulsa o príncipe da sua cama e o chama de ignóbil

(em vez, é claro, de "Igor"). Nas linhas seguintes, como saiu, o leitor terá a impressão de que o príncipe tropeça num anão e cai de ponta-cabeça, pela janela, num canteiro, onde passa a ser cheirado, com interesse, por um unicórnio. Nada disso — desnecessário dizê-lo — acontece. O príncipe veste-se com calma dignidade, acena com a mão e sai (pela porta!) para o corredor, e só então começa a ser cheirado, com interesse, por um unicórnio. Pelo menos, o autor acha que é isto. Aquela frase no final do parágrafo — "Zé, telefona para o Duda" — não tem nada a ver com a história e deve ter sido acrescentada pelo revisor, Deus sabe em que circunstâncias.

Página 301, linhas 3, 12 e 29. Onde está "babalu" leia-se "cabelo". Onde está "lontra maluca"

leia-se "lenta meleca" — quer dizer, até o autor já está ficando confuso, "lentamente" — e onde está "despiu-se alegremente no hall" leia-se "despediu-se alegremente no hall".

Página 324, da linha 4 até o fim. É Ludmila e não, como parece, o Dr. Robão — que está morto — que diz "O que está em julgamento hoje, senhores, é nada mais, nada menos, do que a tradição moral do Ocidente, a Ética Cristã e a minha massa de empada". Ela sabe que todos sorrirão, menos o criminoso. Onde saiu "o motor pifou" leia-se "o promotor piscou". A frase final de Athos,



que deveria

ser “Eu sou canhoto” — eliminando-o, portanto, como um dos suspeitos — saiu “Eu *não* sou canhoto”, o que modifica todo o sentido da história. O leitor pode muito bem deduzir que Athos acionou o interruptor, matando Miller e os três cientistas. O que tornará pouco convincente a confissão do príncipe, ainda mais que a sua frase, que encerra o livro — “Cavalheiros, fui eu” — saiu “cavalo fuinha”.

No final é ponto e não vírgula.

De passagem

Na vida, você precisa ser ocidental, oriental ou mediterrâneo.

Estas não são classificações geográficas. Há ocidentais em Tóquio, orientais em Dallas e mediterrâneos que nunca viram mar, quanto mais o Mediterrâneo. Falamos de uma geografia do espírito.

Os ocidentais são construtores. Os orientais amam o terreno virgem e resistem passivamente à construção. Os mediterrâneos aproveitam a confusão e pegam os melhores andares. Ocidental é proprietário, oriental é inquilino, mediterrâneo só está de passagem.

Os ocidentais são civilizadores. Derrubam o mato, erguem cidades, cobram os impostos, controlam os correios e os transportes e mantêm um exército. Os orientais vivem em permanente pânico na cidade, pagam os impostos errados, não entendem os serviços públicos, são atropelados na rua e morrem na primeira batalha. Têm a nostalgia do mato e um certo raciocínio lento que confundem com superioridade moral. Esperam para qualquer hora a tempestade de enxofre que vai acabar com a orgia nos templos da perdição. Os mediterrâneos organizaram a orgia.

Os ocidentais acreditam que há vida depois da morte. Vida, e uma justa retribuição para o esforço de cada um em aumentar o PNB. OS orientais creem vagamente numa reciclagem divina, pois não é o fóssil de hoje o petróleo de amanhã? Os mediterrâneos preferem não pensar nessas coisas.

Tolstói era oriental, Dostoiévski era ocidental. O primeiro mediterrâneo da literatura russa foi Nabokov, que saiu cedo.

Os ocidentais organizam-se em clubes fechados.

Têm a volúpia do estatuto. Os orientais acreditam na fraternidade universal, o que é quase a apologia do fratricídio. Os mediterrâneos acham que qualquer compromisso com a humanidade não deve ir além de uma roda de chope. E em lugar público.

No amor, os ocidentais acham que duas vezes por semana, para manter o equilíbrio hormonal, chega. Os orientais fazem de cada

conjunção um rito à natureza e ao mistério do instinto. Os mediterrâneos estão atrás da cortina, filmando tudo.

Os grandes empresários são ocidentais. Os grandes artistas são orientais. Os primeiros lutam para alcançar o estilo de aproveitar a vida do mediterrâneo. Os outros sonham com a sabedoria natural do mediterrâneo. Mas o mediterrâneo não é nem um grande empresário nem um grande artista.

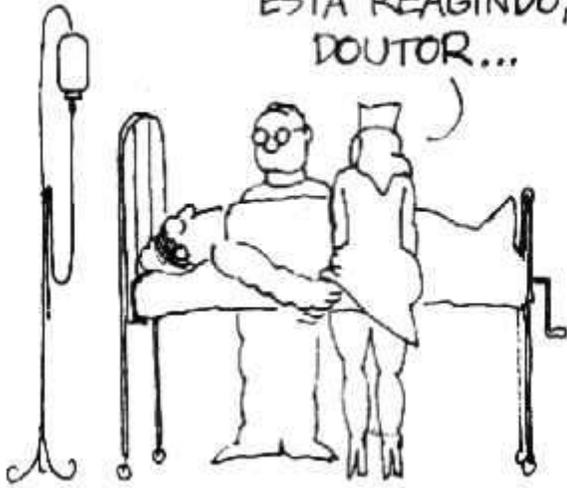
Os mediterrâneos nunca chegam a grande coisa na vida, e este é o segredo do seu sucesso.

Mas não se deve pensar que os mediterrâneos encontraram a felicidade. Um mediterrâneo jamais sentirá o arrebatamento de um ocidental que completa a sua obra. O peito cheio com algum sólido empreendimento, a placa descerrada, o nome na história, a pátria agradecida. Nem compartilhará da certeza do oriental de que o seu caminho é o único certo e que por algumas coisas se deve morrer, sim.

O mediterrâneo é o que fica de lado, fazendo frases de divertida ironia enquanto o essencial do mundo passa do lado. Ninguém escolhe um vinho como o mediterrâneo. Mas são os construtores que movem o mundo. E a consciência. O mediterrâneo prefere não pensar nestas coisas.

Os ocidentais apostam no cavalo com o melhor retrospecto e cotação. Os orientais apostam no cavalo que desfilou melhor. Os mediterrâneos conversam com o jóquei.

ACHO QUE ELE
ESTÁ REAGINDO,
DOUTOR...



Conheça o seu candidato

Malomar Aluvião — foi coroinha, propagandista, alcaguete e formou-se em direito estudando à noite.

Tudo isto antes de entrar para o jardim da infância, onde se revelou um líder na pintura com dedão.

Durante a adolescência dedicou-se a fenômenos parapsicológicos, sendo encontrado, certa madrugada, saindo em levitação da janela de uma fiambreteria. Eleito vereador pelos seus colegas da penitenciária, destacou-se na Câmara pela sua intransigente defesa das filas do INPS, segundo ele a única vida social acessível aos pobres. Na Assembleia, diz que permanecerá fiel ao seu lema, do qual não conseguiu se lembrar no momento.

Rex Harrison da Silva — Jogou futebol profissionalmente pelo Internacional e pelo Grêmio, com o nome de “Troncudo”, embora não haja registro do seu nome em nenhum clube do Estado.

Em Brasília, se eleito, lutará pela humanização da columbofilia e mais divulgação da cinegética nas escolas. Seu sonho, diz ele, é ver os bosques do Brasil cheios de crianças com suas espingardas de caça. Rex sobressaiu-se na Câmara Municipal pelo grito que deu, certo dia, ao bater com o joelho violentamente na quina da tribuna.

Cascão Terra — Tornou-se um nome maldito nas regiões agrícolas do Estado devido a sua corajosa defesa do pulgão, “um incompreendido e um injustiçado”, nas suas palavras. Certa vez, deitou-se num trigal para receber o inseticida junto com um grupo de pulgões e teve que ser retirado à força. Não espera ser eleito mas declara que “estou falando para a posteridade, que redimirá o pulgão e condenará o trigo”.

Franz Fritz Frutz — Também conhecido como “Tuti” Frutz na região colonial. É o campeão de arremesso de vaca no município de Tu Me Paga, ex-Tripa Grossa. No Congresso vai batalhar pelo divórcio (“porque não aguento mais o Frida!”) e pela suinocultura.

Morgadinho Pipi — Cedo na sua vida escolar ficou famoso pelas suas atuações em concursos de oratória e por ser meio bicha. Na juventude foi comunista e integralista simultaneamente, para não perder tempo. Como advogado, ganhou notoriedade nacional ao defender um ourives acusado de matar e devorar a própria mãe, argumentando com sucesso que comer a mãe era o sonho secreto de todos os jurados. Na Assembleia, lutará pela semana de oito dias.

Porciúncula Croarê — Médico de renome. Filho de fazendeiro rico, renunciou à confortável vida do campo pela confortável vida da cidade. Em cartas semanais, pedia dinheiro para pagar dívidas de jogo, farras e mulher ao pai, que mandava com entusiasmo, mal desconfiando que o dinheiro ia todo para pagar os estudos de medicina do filho. Considera-se um liberal. Acha que a pena de morte, a censura, a repressão policial e os atos de exceção devem ser usados liberalmente. Na Assembleia, proporá a volta do feudalismo. “Adaptado, logicamente, às condições atuais. Hoje, seria difícil encontrar um bom garrote, por exemplo. Ou uma ponte levadiça.”

O anticarnê

Ainda não examinei bem esse decreto do governo que regulamenta a venda de carnes. Não sei ainda se ele favorece ou acaba para sempre com uma ideia que eu tinha. A de lançar, em todo o território nacional, o anticarnê.

A primeira e revolucionária novidade do meu carne é que o primeiro prêmio *não* seria um automóvel. Aliás, uma das grandes atrações do anticarnê é que ele não daria prêmio de espécie alguma. O comprador saberia, na hora de dar a entrada, que todo o dinheiro do carnê reverteria em favor dos lançadores (i.e., eu) e que ele não teria direito a absolutamente nada, nem a uma cadeira na chuva.

Os atrativos do plano, como se vê, são infinitos.

Em primeiro lugar, sabendo que o carnê não serviria para nada, o comprador se veria desobrigado a pagar as prestações mensais, sem arriscar qualquer sanção. Melhor: o comprador teria o direito de juntar todos os talões de cobrança e rasgá-los, às gargalhadas, na frente de qualquer caixa de banco.

Só essa possibilidade terapêutica, num país onde metade da população sofre de um nó na garganta chamado Data do Vencimento, já valeria o preço da entrada.

Segundo: anunciado francamente como uma refinada picaretagem (“Faça um brasileiro independente!”) o anticarnê apelaria para um dos mais simpáticos traços do brasileiro, que é a sua incontida admiração pela imaginação criminoso. O brasileiro perdoa tudo, desde que seja bem bolado.

Terminada a promoção eu emigraria com os meus milhões e, no exílio, escreveria um livro intitulado “Como enganar o brasileiro”. As pessoas pagariam, digamos, vinte e cinco cruzeiros pelo livro, abririam e descobririam que todas as páginas estavam em branco. Achariam genial e comprariam às dúzias, para dar de presente. (Uma edição de luxo, com papel gessado em branco, custaria cem cruzeiros.) E tem mais: o comprador do anticarnê não teria que se preocupar com datas de sorteio, nem em abrir os jornais — sempre um empreendimento aborrecido — para descobrir os resultados de extração. O anticarnê se comprometeria com cada comprador a nunca patrocinar qualquer *show* de televisão, poupando assim ao feliz portador a necessidade de aguardar diante da TV ligada a possibilidade de ver o seu número sorteado. Ele não precisaria nem ter TV em casa, e poderia ficar tranquilo porque jamais ganharia uma a cores.



Finalmente, o dono de um anticarnê nunca sofreria a frustração de ver um número "parecidíssimo" com o seu ganhar o primeiro prêmio.

Seria um homem em paz com o próximo, livre de invejas e ódios. E se algum dia, na improvável hipótese de me prenderem (a impunidade é outra constante simpática do país), eu fosse compelido a defender meu plano, protestaria, indignado, minha inocência. Afinal, com um mínimo de entrada e zero por mês, sem sorteio e sem mais nada, eu estaria assegurando a cada portador do anticarnê um prêmio mais valioso do que dezessete Opalas: o sossego. E com exemplar honestidade, o que é mais do que qualquer outro carnê oferece.

Discriminação

Acho uma odiosa discriminação nós motoristas sermos obrigados a preencher requisitos cada vez mais complicados para ganhar uma licença de dirigir enquanto que nada sequer parecido é exigido do pedestre. E é um fato comprovado que, por exemplo, em cerca de oitenta por cento dos atropelamentos há um pedestre envolvido. (Cachorros vêm em segundo lugar.) Por que esse privilégio? O pedestre é parte atuante do trânsito de uma cidade, existe em muito maior quantidade do que carros, e no entanto não há uma única lei regulando a sua movimentação e as suas obrigações. Qualquer pessoa, literalmente, pode ser pedestre! Basta sair na rua. Até quando as autoridades fecharão os olhos a esse inexplicável favoritismo?

Agora mesmo, formam-se filas intermináveis de automóveis esperando sua vez de serem vistoriados no Departamento de Trânsito, para poderem renovar suas licenças. É um espetáculo doloroso. Seus motoristas, não raro, são alvo de cruéis manifestações de desprezo por parte de pedestres insensíveis, que passam arrogantemente, certos dos seus privilégios. E por que não exigir vistoria de pedestres, também? Tem gente circulando por aí sem as mínimas condições para tal, com problemas que vão desde o calo e o pé chato até o daltonismo e a ausência de um ou mais membros. A falta de uma minúscula lâmpada pode ser fatal para o motorista na vistoria, mas o pedestre vai onde quer, impunemente, às escuras, sem qualquer tipo de sinalização. E até de uma carroça se exige, no mínimo, uma lanterna! Um automóvel, para passar na vistoria, precisa ter pneu sobressalente em bom estado, extintor de incêndio regulamentar, o diabo.

Que equipamento precisa ter um pedestre? Nem sequer um par de sapatos de reserva. Nem cordão sobressalente para o sapato! É intolerável isto.

Um exame psicotécnico bem aplicado eliminaria, seguramente, metade dos pedestres das nossas ruas. E cada pedestre, para ser licenciado, deveria passar por um exame de habilidade igual ao que é feito para o aspirante a motorista. O exame consistiria de testes de rapidez, flexibilidade, jogo de pernas e travessia da Farrapos (os feridos tentariam de novo depois da convalescença, os mortos seriam automaticamente desclassificados). Grande parte dos atropelamentos se deve à imperícia ou à falta de preparo físico do pedestre. Quanta valiosa lataria de automóvel ainda precisará ser sacrificada contra o corpo de maus pedestres até que as autoridades se movimentem contra esta iniquidade?

Uma campanha publicitária para conscientizar o pedestre do perigo que ele representa ("Não faça do seu corpo uma arma, a vítima pode ser um Mercedes") não estaria fora de propósito. O fato é que severas providências se impõem. Surgem cada vez mais pedestres no mercado, consumindo cada vez mais oxigênio, e nossas cidades simplesmente não estão preparadas para recebê-los. Qualquer dia não haverá mais lugar para um automóvel se mexer!

ARTE MODERNA NA RÚSSIA



PST... ISSO É UM ESPELHO, GENERAL...



Cursinho

Você certamente acompanha — mesmo que não queira — a guerra dos cursinhos. Pelos jornais e pelas rádios, os pré-vestibulares lutam por cada candidato como se fosse o último, e se xingam mutuamente com igual vigor. A julgar pela qualidade da sua propaganda, a maioria dos cursinhos parece pouco capaz de manter a razão, quanto mais ensinar qualquer coisa a alguém, mas isto não vem ao caso.

O que eu quero contar é que bolei um novo curso pré-vestibular. É um curso para quem *não* quer passar no vestibular. Um curso para quem não tem o mínimo interesse em entrar na faculdade mas precisa dar uma satisfação aos pais, à namorada *etc.* O cara se inscreve, paga, frequenta, estuda, tudo como num cursinho normal, só que não aprende absolutamente nada. Ou melhor: aprende tudo errado e não tem a mínima chance — nem em caso de recaída, de chegar na hora e pensar em se regenerar — de ser classificado no vestibular. E, é claro, volta no ano seguinte, com a bênção dos pais (“Coitado, se esforçou tanto, vai tentar de novo...”).

Como os cursinhos costumam vender o nome e a qualidade dos seus professores, pensei em lançar a campanha do meu com um anúncio de página inteira, em todos os jornais, figurando a equipe.

“Estude física e química com a ex-Glamour Girl Tânia ('Tatá') Tenerife, autora da célebre frase: Todas as minhas experiências, meu Deus, fazem PUM!”

Português e letras com Valdomiro. Matemática (só até dez) com...” *Etc.* As instalações do meu cursinho, um ponto importante, seriam enaltecidas em anúncios posteriores. “Sauna, boate com chão de vidro, bilhar, pequena biblioteca com toda a coleção *Tio Patinhas*, bar, *playground*, churrasqueira. E breve, uma sala de aula!” E não faltariam os mais atualizados recursos didáticos eletrônicos: “Gigantesco estéreo com fones individuais! Discoteca própria, com orientador. Em duas aulas você saberá tudo sobre a influência de John Lee Hooker em Eric Clapton!”

O meu cursinho teria projetos especiais de grande alcance cultural. Palestras. "A empada, história e fenomenologia, por dona Mimi Moro." "Cento e dezessete maneiras de vencer o soluço." "Tatata Pimentel, um novo Rimbaud?" "A febre aftosa na literatura." "Tudo que você sempre quis saber sobre a Beki Klabin mas tinha medo de perguntar." E excursões sócio-culturais. A Montevideú para ver O último tango em Paris. A Paris para ver se é verdade.

À Alemanha com a Seleção!

Não faltariam os empreendimentos cívicos. Uma vez por ano, todos os alunos assinariam um abaixo-assinado dirigido ao ministro da Educação pedindo menos vagas na universidade.

Mas o nosso grande momento, em matéria de promoção, seria no fim do ano. Com os outros cursinhos reivindicando o maior número de aprovados nos vestibulares, nós proclamaríamos em grandes manchetes: "Só o Pró-Vagal pode se gabar, nenhum aprovado no vestibular!" E se alguma ovelha branca, por distração ou acaso, conseguisse chegar à classificação, seria execrada em público, exemplarmente. Em página inteira.

Máximas urbanas

Existe todo um folclore em torno da rude sabedoria do homem do campo de regras e princípios nascidos da observação das coisas e da natureza e passados de geração a geração. Por exemplo:

“Nevoeiro no baixio, dia de sol e frio”, ou “Cavalo que corre de cobra, nem o dono manobra” ou “Tem mulher que é como pitanga, só dá no mato”. (Estas eu inventei agora, mas você sabe o que eu quero dizer.) Não sei por que não se poderia desenvolver uma coleção parecida de ditos urbanos. Não apenas no campo das comparações (“Mais desligado do que a *Voz do Brasil*” ou “Mais farto do que material subversivo”, etc.) mas também no terreno das máximas, igualmente nascidas da experiência de gerações. Por exemplo: “Chofer de táxi com muito cabelo? Cuidado com o pêlo.”

“Poente cor de carvão — chuva, geada ou poluição.”

“A uísque dado não se olha o selo.”

“Em matéria de mulher, há um tipo cem por cento: desquitada, analisada e com apartamento.”

“Nunca pergunte o que é, por uma questão de ética: operação de mulher e cibernética.”

“Entre as coisas chatas da vida, tirando-se uma média, nenhuma é pior que vendedor de enciclopédia.”

“Pior que calo e saúva é hotel de praia em dia de chuva.”

“Moral de lado — tem mulher perdida que é um achado.”

“Não existem patriotas em filas do INPS.”

“Análise em grupo é sensacional: uma espécie de suruba mental.”

“Um teto para todos, diz o BNH, exultando. O que não explicam é que a gente tem que ficar segurando.”

Etcétera, etcétera, etcétera.



Conversa

- Como vai?
- Por alto, tirando uma média, especificamente ou considerando as circunstâncias?
- De uma maneira geral.
- De uma maneira geral, bem. E você?
- De uma maneira geral — dentro do contexto — vou mais ou menos.
- O contexto que você fala é global?
- Global, por certo. Englobando toda a problemática.
- Não excluindo a defasagem natural, espero.
- Claro que não. Tenho plena consciência da defasagem, mas é lógico que conceituo em termos ótimos.
- Conceituar é importantíssimo.
- Digo mais, é vital. Partindo-se de uma conscientização, como direi, equacionai, a conceituação advém *per se*.
- Ah, mas conscientizar...
- Não vá me dizer que você parte do princípio!
- Em absoluto. Tenho por norma.
- A longo prazo ou a curto prazo?
- A médio prazo. Levando-se em conta.
- É válido. Ou não?
- Hein?
- Digo: eu norteio todas as minhas decisões.
- Eu também. Você parte do pressuposto?
- Sempre que posso.
- Eu, a mesma coisa. E chego à conclusão.
- Eu peso todas as alternativas.
- Eu examino todos os ângulos.
- Me recuso a aceitar. Terminantemente.
- Afirmo. Peremptoriamente.
- Sustento. Tranquilamente.
- Mantenho. Desassombradamente.

- Argumento. Friamente.
- Mas há sempre o perigo do desvirtuamento.
- Bom, mas então chegaremos às raias... Por amor de Deus.
- Chegaremos às raias!
- Pois então! Estamos no limiar e chegaremos às raias.

Paulatinamente. Na premissa.

- A recíproca é verdadeira.
- Pois sim, numa reversão cibernética, com o extravasamento da dicotomia básica, a codificação extrapola — extemporaneamente — para um *feed-back* antiestrutural. Entende?
- Isso numa sistemática.
- Evidente. E num apanhado geral.
- De onde se abstrai...
- Eu nunca abstraio.
- Eu também não. E a reificação do mítico?
- Há anos que não vejo.
- No mais, então, tudo bem.
- Bem. Dentro do contexto, é claro.
- Claro. Fora do contexto, nem é bom pensar.
- Fora do contexto, nós nem poderíamos conversar!

Cultura

Ele disse: "O teu sorriso é como o primeiro suave susto de Julieta quando, das sombras perfumadas do jardim sob a sua janela insone, Romeu deu voz ao sublime Bardo e a própria noite aguçou os ouvidos".

E ela disse: "Corta essa".

E ele disse: "A tua modéstia é como o rubor que assoma à face de rústicas campônias acossadas num quadro de Bruegel, pai, enaltecendo seu rubicundo encanto e derrotando o próprio simular de recato que a natureza, ao deflagrá-lo, quis".

E ela disse: "Cumé que é?"

E ele: "Eu te amo como jamais um homem amou, como o Amor mesmo, em seu auto-amor, jamais se considerou capaz de amar".

E ela: "Tô sabendo..."

"Tu és chuva e eu sou terra; tu és ar e eu sou fogo; tu és estrume, eu sou raiz."

"Pô!"

"Desculpe. Esquece este último símile. Minha amada, minha vida. A inspiração é tanta que transborda e me foge, eu estou bêbado de paixão, o estilo tropeça no meio-fio, as frases caem do bolso..."

"Os teus olhos são dois poços de águas claras onde brinca a luz da manhã, minha amada. A tua frente é como o muro de alabastro do templo de Zamaz-al-Kaad, onde os sábios iam roçar o nariz e pensar na Eternidade. A tua boca é uma tâmara partida ... Não, a tua boca é como um... um...

Pera só um pouquinho..."

"Tô só te cuidando."

"A tua boca, a tua boca, a tua boca... (Uma imagem, meu Deus!)"

"Que qui tem a minha boca?"

"A tua boca, a tua boca... Bom, vamos pular a boca. O teu pescoço é como o pescoço de Greta Garbo na famosa cena da nuca

em *Madame Walewska*, com Charles Boyer, dirigido por Clarence Brown, iluminado por...”

“Escuta aqui...”

“Eu tremo! Eu desfaleço! Ela quer que eu a escute! Como se todo o meu ser não fosse uma membrana que espera a sua voz para reverberar de amor, como se o céu não fosse a campana e o Sol o badalo desta sinfonia espacial: uma palavra dela...”

“Tá ficando tarde.”

“Sim, envelhecemos. O Tempo, soturno cocheiro deste carro fúnebre que é a Vida, como disse Eliot, aliás, Yeats — ou foi Lampedusa? — o Tempo, esse surdo-mudo que nos leva às costas...”

“Vamo logo que hoje eu não posso ficar toda a noite.”

“Vamos! Para o Congresso Carnal. O monstro de duas costas do Bardo, acima citado. Que nossos espíritos entrelaçados alcem voo e fujam, e os sentidos libertos ergam o timão e insuflam as velas para a tormentosa viagem ao vórtice da existência humana, onde, que, a, e, o, um, como, quando, porquê, sei lá...”

“Vem logo.”

“Palavras, palavras...”

“Depressa!”

“Já vou. Ah, se com estas roupas eu pudesse despir tudo, civilização, educação, passado, história, nome, CPF, derme, epiderme... Uma união visceral, pâncreas a pâncreas, os dois corações se beijando através das grades das caixas torácicas como Glenn Ford e Diana Lynn em...”



“Vem. Assim. Isso. Acho que hoje vamos conseguir. Agora fica quieto e...”

“Já sei!”

“O quê? Volta aqui, pô...”

“Como um punhado de amoras na neve das estepes. A tua boca é como um punhado de amoras na neve das estepes!”

Um, dois, três

Eu queria um dia fazer uma crônica como uma valsa antiga. Que rodopiasse pela página como, digamos, um velho comendador de fraque e a sua jovem amiga. Cheia de rimas como quimera e primavera. Com passos e compassos, ah quem me dera. Talco nos decotes, virgens suspirosas e uma sugestão de intriga.

Os parágrafos seriam versos e figurações. No meio um lustre, na tuba um gordo e em cada peito mil palpitações. Os namorados trocariam olhares. As tias e os envergonhados nos seus lugares. E de repente uma frase perderia o fio, soltando sílabas por todos os salões.

A segunda parte me daria um nó.

Os pares param, o maestro espera e ninguém tem dó.

Dou ré, vou lá, já não caibo em mi.

E então decreto — vá fá — é cada um por si!

Um, dois, três.

Um, dois, três.

A minha orquestra seria toda de professores.

Um de desenho, três de latim, cinco de português e todos amadores. O baterista cheiraria coca. O contra-baixista não parece o Loca? E o gordo da tuba um duque da Bavária nos seus últimos estertores.

Um cadete rouba o amor da filha de um magnata. Pescoço de alabastro, boca de rubi e os olhos de uma gata. O namorado, despeitado, urde sua vingança. É quase meia-noite e segue a contradança. O pai da moça dorme nos seus sete queixos e sonha com uma negociata.

No avarandado branco, onde vão ver a Lua A moça e o cadete, que a imagina nua Beijam-se perdidamente a três por quatro.

E o segundo traído sou eu, que não encontro rima para “quatro”.

Um, dois, três.

Um, dois, três.

Um violinista, de improviso, olha o relógio e perde um bemol. Faltam poucas linhas para acabar meu espaço e surgir o sol. Lá fora, o par apaixonado.

De tanto amor nem olha para o lado. Não vê o despeitado que se aproxima, quieto e encurvado como um caracol.

Eu mesmo me concedi esta valsa e, portanto, tenho a decisão. Que arma usará o traído na sua vil ação? Uma adaga, fina e reluzente? Combina mais com o requintado ambiente. Mas se errar o passo e o alvo o vilão e, abrindo um filão, conspurcar o alvo chão?

Um tiro na nuca é mais ligeiro Mais prático, moderno e certo. Mas, meu Deus, o que é que eu estou fazendo? Comecei com uma singela valsa e já tem gente morrendo!



É RIDÍCULA A QUEIXA
DE QUE OS ESTADOS UNIDOS
NÃO DÃO IMPORTÂNCIA
PARA A AMÉRICA LATINA!

Um, dois, três.

Um, dois, três.

Eu só queria fazer uma crônica como uma valsa antiga. Que rodopiasse pela página como um comendador cansado e sua compreensiva amiga. Cheia de rimas sem compromisso aparente. Nem com ouro, nem com prata, nem com a crise do Ocidente.

Decotes bocejando. Virgens sonolentas e nem uma sugestão de briga.

Um, dois, três.

Etc.

Noite e dia

O Homem que Acorda Cedinho e o Homem que Dorme Tarde se encontram numa parada de ônibus.

- Bom dia.
- Boa noite.
- O primeiro ônibus não demora.
- Você quer dizer o último ônibus.
- Parece que vai ser um dia bonito.
- É o fim de uma longa noite.
- Mas é o começo do dia.
- O fim.
- Olha o sol aparecendo.
- Olha a lua desaparecendo.
- Que energia, que ânimo para o trabalho!
- Que cansaço.
- O primeiro som que ouvi hoje foi o cantar dos passarinhos.
- O último que eu ouvi foi o trombonista fechando o

instrumento na maleta.

— Ainda sinto na boca o gosto de, deixa ver: pasta de dente, suco de laranja bem frio; café com leite, pão novo e, espera aí, hm... Ah, aqui está: manteiga fresca.

- Cigarro mofado, uísque ruim e um filé que sentou mal.
- Pretendo ganhar duzentos cruzeiros hoje, com o suor do meu rosto.

— Gastei quinhentos, sem suar.

— Olha o cheiro dos jardins, da minha loção de barba, do sol queimando a cerração.

— O perfume barato que ela usava, álcool na gravata e respingo de vômito.

- Olha o sol na nossa cara!
- Olha o sol na minha cara, pô.
- Respire fundo.
- Deus me livre.

- Esperança e fé.
 - Remorso e azia.
 - Produção.
 - Dissolução.
 - Progresso.
 - Lixo.
 - Colegiais e trabalhadores.
 - Prostitutas e vadios.
 - Passarinhos.
 - Cansaço.
 - Jardins.
 - Vômito.
 - O sol.
 - O fim.
 - Olha o primeiro ônibus!
 - O último, você quer dizer.
- E os dois embarcam. No mesmo ônibus.

Vida em manchetes

— Viu só? Caiu outro avião.

— É. Desta vez foram oitenta e cinco mortos.

— Já tomei uma decisão: nunca mais entro em avião.

— Bobagem.

— Bobagem é morrer.

— Então não entra mais em carro, também.

Proporcionalmente, morrem mais pessoas em acidentes de...

— Mas não entrar em automóvel eu já tinha decidido há muito tempo! Você não notou que eu ando mais magro? É de tanto caminhar.

— Você caminha por onde?

— Como, por onde? Pela calçada, ué.

— Dá todo dia no jornal. “Ônibus desgovernado sobe na calçada e colhe pedestre. Vítima tinha jurado nunca mais entrar em qualquer veículo.” A chamada ironia do destino.

— Quer dizer que calçada...

— É perigosíssimo...

— O negócio é não sair de casa.

— E, é claro, mandar cortar a luz.

— Por que cortar a luz?

— Pensa num dedo molhado e distraído na tomada do banheiro.

“Caiu da escada quando trocava lâmpada. Fratura na base do crânio.”

— Está certo. Corto a luz.

— “Tropeça no escuro e bate com a têmpora na quina da mesa. Morte instantânea.” E você vai cozinhar com quê?

— Gás.

— Escapamento. “Vizinhos sentiram cheiro de gás e forçaram a porta: era tarde.” Ou: “Explosão de botijão arrasa apartamento”.

— Fogareiro a querosene.

— “Tocha humana! Morreu antes que...”

— Comida enlatada fria.

- Botulismo.
- Mando comprar comida fora.
- Espinha de peixe na garganta. Ossinho de galinha na traqueia.

“Comida estragada, diarreia fatal!”

- Não preciso de comida. Vivo de injeções de vitamina...
- Hepatite...
- ...e oxigênio.
- Poluição. “Autópsia revela: pulmão tava pior que saco de café.”

Estrôncio 90 francês.

- Vou viver no campo, longe da poluição, do trânsito...
- Picada de cobra. Coice de mula. Médico não chega a tempo.
- Não saio mais da cama!
- Está provado: oitenta e dois por cento das pessoas que morrem, morrem na cama. Não há como escapar.
- Mas eu escapo. A mim eles não pegam. Tenho um jeito infalível de escapar da morte.
- Qual é?
- Eu vou me suicidar!

Atitude suspeita

Sempre me intriga a notícia de que alguém foi preso “em atitude suspeita”. É uma frase cheia de significados. Existiriam atitudes inocentes e atitudes duvidosas diante da vida e das coisas e qualquer um de nós estaria sujeito a, distraidamente, assumir uma atitude que dá cadeia!

— Delegado, prendemos este cidadão em atitude suspeita.

— Ah, um daqueles, é? Como era a sua atitude?

— Suspeita.

— Compreendo. Bom trabalho, rapazes. E o que é que ele alega?

— Diz que não estava fazendo nada e protestou contra a prisão.

— Hmm. Suspeitíssimo. Se fosse inocente não teria medo de vir dar explicações.

— Mas eu não tenho o que explicar! Sou inocente!

— É o que todos dizem, meu caro. A sua situação é preta. Temos ordem de limpar a cidade de pessoas em atitudes suspeitas.

— Mas eu só estava esperando o ônibus!

— Ele fingia que estava esperando um ônibus, delegado. Foi o que despertou a nossa suspeita.

— Ah! Aposto que não havia nem uma parada de ônibus por perto. Como é que ele explicou isso?

— Havia uma parada sim, delegado. O que confirmou a nossa suspeita. Ele obviamente escolheu uma parada de ônibus para fingir que esperava o ônibus sem despertar suspeita.

— E o cara-de-pau ainda se declara inocente!

Quer dizer que passava ônibus, passava ônibus e ele ali fingindo que o próximo é que era o dele? A gente vê cada uma...

— Não senhor, delegado. No primeiro ônibus que apareceu ele ia subir, mas nós agarramos ele primeiro.

— Era o meu ônibus, o ônibus que eu pego todos os dias para ir pra casa! Sou inocente!

— É a segunda vez que o senhor se declara inocente, o que é muito suspeito. Se é mesmo inocente, por que insistir tanto que é?

— E se eu me declarar culpado, o senhor vai me considerar inocente?

— Claro que não. Nenhum inocente se declara culpado, mas todo culpado se declara inocente. Se o senhor é tão inocente assim, por que estava tentando fugir?

— Fugir, como?

— Fugir no ônibus. Quando foi preso.

— Mas eu não tentava fugir. Era o meu ônibus, o que eu tomo sempre!

— Ora, meu amigo. O senhor pensa que alguém aqui é criança? O senhor estava fingindo que esperava um ônibus, em atitude suspeita, quando suspeitou destes dois agentes da lei ao seu lado.

Tentou fugir e...

— Foi isso mesmo. Isso mesmo! Tentei fugir deles.

— Ah, uma confissão!

— Porque eles estavam em atitude suspeita, como o delegado acaba de dizer.

— O quê? Pense bem no que o senhor está dizendo. O senhor acusa estes dois agentes da lei de estarem em atitude suspeita?

— Acuso. Estavam fingindo que esperavam um ônibus e na verdade estavam me vigiando. Suspeitei da atitude deles e tentei fugir!



— Delegado...

— Calem-se! A conversa agora é outra. Como é que vocês querem que o público nos respeite se nós também andamos por aí em atitude suspeita? Temos que dar o exemplo. O cidadão pode ir embora. Está solto. Quanto a vocês...

— Delegado, com todo o respeito, achamos que esta atitude, mandando soltar um suspeito que confessou estar em atitude suspeita é um pouco...

— Um pouco? Um pouco?

— Suspeita.

Dezesseis chopes

A conversa já passara por todas as etapas que normalmente passa uma conversa de bar. Começara chocha, preguiçosa. O mais importante, no princípio, são os primeiros chopes. A primeira etapa vai até o terceiro chope.

Do terceiro ao quarto chope, inclusive, contam-se anedotas. Quase todos já conhecem as anedotas, mas todos riem muito. A anedota é só pretexto para rir. A mesa está ficando animada, isso é o que importa. São cinco amigos.

Eu disse que eram cinco à mesa? Pois eram cinco à mesa. Dois casados, dois solteiros e um com a mulher na praia — quer dizer, nem uma coisa nem outra. E entram na terceira etapa.

Durante o quinto e o sexto chope, discutem futebol. O que nos vai sair esse tal de Minelli? Olha, estou gostando do jeito do cara. E digo mais, o Grêmio não aguenta o roldão nesta fase do campeonato. Quer apostar? Não aguenta. Porque isto e aquilo, que venha outra rodada. E — escuta, ó chapa — pode vir também outro sanduíche aberto e mais uns queijinhos.

O sétimo chope inaugura a etapa das graves ponderações. Chega a Crise e senta na mesa. O negócio não está fácil, minha gente. Vocês viram a história dos foguetes? Na Europa, anda terrorista com foguete dentro da mala. Em plena rua! O negro entra num hotel, pede um quarto, sobe, abre a mala, vai até a janela e derruba um avião. Derruba um avião assim como quem cospe na calçada!

São homens feitos, homens de sucesso, amigos há muitos anos. Nenhum melhor do que o outro. A etapa das graves ponderações deságua, junto com o nono chope, na etapa confidencial. Pois eu ouvi dizer que quem está por trás de tudo... Agora todos gritam, as confidencias reverberam pelo bar. Os cinco estão muito animados.

Um deles ameaça ir embora mas é retido à força. Outra rodada! Hoje ninguém vai pra casa.

Começa a etapa inteligente. Todos dizem frases definitivas que nenhum ouve, pois cada um grita a sua ao mesmo tempo. Doze chopes. Treze. Começa uma discussão, ninguém sabe muito bem se sobre palitos ou petróleo. A discussão termina quando um deles salta da cadeira, dá um murro na mesa e berra: "E digo mais!" Faz-se silêncio. O quê? O quê?

"Eu vou fazer xixi..."

Com quinze chopes começa a fase da nostalgia.

Reminiscências, auto-reprimendas, os podres na mesa. As grandes revelações. Eu sou uma besta...

Besta sou eu. Tenho que mudar de vida. Eu também.

Cada vez me arrependo mais de não ter... de não ter... sei lá! E então um deles, os olhos quase se fechando, diz: — Sabe o que é que eu sinto, mas sinto mesmo?

Ninguém sabe.

— Sabe qual é a coisa que eu mais sinto?

— Diz qual é.

— Sabe qual é o vazio que eu mais sinto aqui?

— Diz, pô!

O QUE QUE EU POSSO FAZER?
É A CRISE DE ENERGIA...



— É que eu nunca tive um canivete decente. O silêncio que se segue a esta revelação é mal compreendido pelo garçom, que vem ver se querem a conta. Encontra os cinco subitamente sóbrios, olhando para o centro da mesa com o ressentimento de anos. É isso, é isso. Um homem precisa de um canivete. Não de qualquer canivete, não desses que dão de brinde. Um verdadeiro canivete. Pesado, de fazer volume na mão, com muitas lâminas. Um canivete decente.

— Eu tive — diz, finalmente, um dos cinco. É uma confissão.

E os outros olham para ele como se olha para um homem completo. Ali está o melhor deles, e eles não sabiam.

A Coisa

E as coisas? Como vão as coisas? As coisas estão malparadas. Que coisa? Coisa, seu...

— Como vai a coisa, tchê?

O que quer dizer, exatamente, a Coisa? Não é a vida em geral. A Coisa é ao mesmo tempo mais específica e mais abrangente do que a Vida.

Experimente trocar uma expressão pela outra. Em vez de “Como é que te trata a Vida”, o que é comum, diga “Como é que te trata a Coisa?” Não dá, a Coisa tem um mistério que a Vida não tem. A Vida é a pulsação que te traz de pé, são as tuas funções hepáticas, as intempéries, os parentes, as tuas contas por pagar, aquele possível emprego em São Paulo, o câncer, o fundo dos teus bolsos e quem sabe um cineminha. A Vida é tudo que tu tocas e que te toca. Já a Coisa é outra coisa.

A Coisa é o que está embaixo da tua cama e não te ataca. A Coisa é o que te olhou pelo vidro do berçário e resolveu te poupar, e tu nem sabias. A Vida é a prova de que a Coisa te trata bem. Porque cada batida do teu coração é uma deferência especial da Coisa. A Coisa é o teu gentil patrocinador. Quando tu deliravas, a Coisa te pegou no colo. Quando tu te encheste de ti mesmo e te sentiste o primeiro imortal da raça, a Coisa te deu azia. Quando alguém diz que está sentindo “uma coisa estranha”, está cometendo uma redundância. Pois a Coisa é tudo o que em ti e em tua volta tu estranhas. A Coisa é aquilo que tu tens sempre na ponta da língua e não consegues lembrar. É o sonho que tu esqueces no ato de acordar. É a impressão que tu tens de que tudo isto já aconteceu uma vez, que coisa estranha!

— Como vai a coisa?

Como é que eu vou saber como vai a Coisa? A Coisa é que pode dizer como eu vou. E para onde, e por quê. A Vida, é fácil responder. “Vai-se levando. .

." ou "Bueno, no más" ou "Lindo" ou "Não posso me queixar..."
Mas a Coisa? A Vida é o que a Coisa usa para distrair nossa atenção. A Coisa está refletida numa vitrina e quando tu te voltas para vê-la, passa um ônibus ou derrubam o governo ou entra um cisco no teu olho, é a vida. O universo é a *mise en scène* da Coisa. A Coisa é o que está por trás de tudo. Deus é só um testa-de-ferro.

— Como vai a coisa?

— Que coisa? Que coisa?!

— Como, que coisa? A coisa.

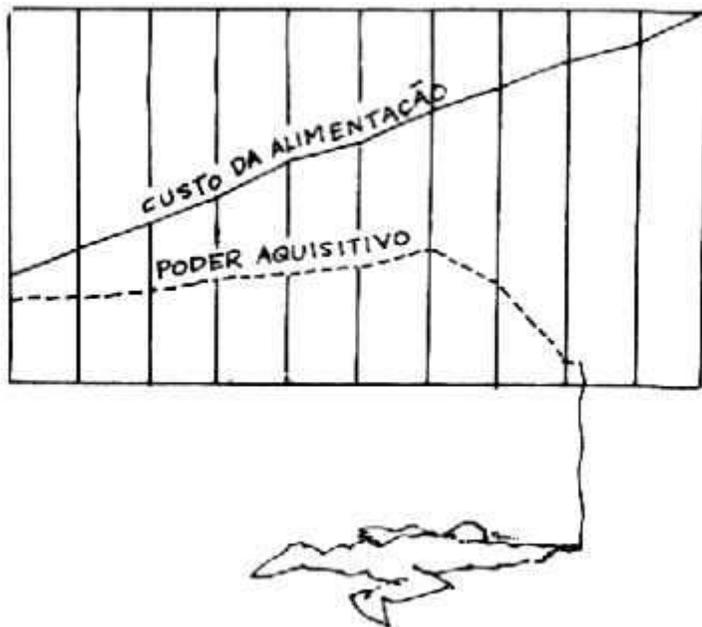
— Você quer saber como é que eu vou, certo?

Como é que a vida me trata. Aí eu respondo "Muito bem" e a conversa continua. Mas por que envolver a Coisa nisto? Eu recém saí do Pinel!

É impossível conversar sobre a Coisa, sobre a Coisa só se desconversa. Certos místicos orientais perambulam pelo mundo inteiro durante anos atrás da Coisa, e a Coisa vai atrás. Há pessoas que simulam uma falsa intimidade com a Coisa. Vez por outra, nos dão informações confidenciais sobre o seu estado.

— A coisa está feia.

Ou, um mistério ainda maior: — A coisa está preta.



A Coisa não está feia nem bonita, a Coisa não está. A Coisa não tem cor, ela é a luz e a sombra. Ela é o espectro das cores. Ela é o ponto onde as paralelas não se encontram. Onde a tua visão alcança, a Coisa está um pouco mais pra lá. Do teu lado. A Coisa é o que detém o quase suicida mas também é o que torce o pé do arrependido e o faz cair contra a vontade. Porque a Coisa não está para brincadeiras, não está sopa e não é mole. Na hora da tua morte, a Coisa te revelará tudo, e aí não adiantará mais nada.

Cântico

Como um tubo de imagem, amada minha, é o fulgor da tua face. Os teus cílios são como antenas internas. Altiva é a tua cabeça como a antena direcional sobre os telhados, que o vento não abate.

Meus dedos procuram os teus botões como a polícia americana cerca o culpado, e desfaleço de amor. A tua imagem não rola, és vertical como uma torre de microondas ao sol da tarde. A minha amada tem as cores do Cid Moreira no Jornal Nacional, os seus olhos são como os da Sandra Bréa, seus dentes são como os rebanhos de ovelhas que sobem do lavadouro num comercial de alvejante. Confortai-me com *sprays*, recuperai-me com super kings, pois eis que desfaleço. Ajusto a horizontal da minha amada e é fantástico.

A tua frente é um luminoso de acrílico, amada minha, irmã minha. A curva do teu pescoço é como a traseira de um Maverick que reflete a luz do mercúrio. Os teus dois seios são como as turbinas de um jato. És um DC-10, amada minha. A minha mão percorre teus corredores como uma aeromoça, portando lentos prazeres. O teu ventre é como uma pista de asfalto sob a chuva, teu umbigo é como um poço de edifício. Como viadutos são as tuas coxas.

Teus pés são pequenos e ágeis como táxis. Vem ao meu leito, amada minha, irmã minha. Deita-te sobre a fuligem. A minha mão sobre o teu ventre é como a fumaça das fábricas que cobre os montes. O teu hálito é como o monóxido de carbono que sobe das ruas, e eis que desfaleço. A minha amada é para mim como um sistema integrado, os seus transistores me animam e o meu leito se cobre de *print-outs*. Eu programo a minha amada e a minha amada me programa. Ela é um túnel vitrificado que o metrô percorre em silêncio. A minha amada é binária e digital, a minha amada não perde o vinco. A minha amada é como o *tapedeck* que recebe o

cartucho e zune com doçura, é como a guitarra quando o pé espreme o pedal. A sua penugem é como a grama artificial depois do orvalho. Os refletores se ofuscam com minha amada. A sua inocência desarma o cimento. Sua volúpia faz até o sinal ficar vermelho.

As ruas de mão única desmunhecaram diante das suas formas. As perimetrais desviam para o centro. Vem ao meu leito, irmã minha, quando as sirenas cortam a noite. A minha amada é como a rachadura onde o terrorista esconde a bomba. A minha amada é um estouro.

Quão deliciosos são os teus aromas, amada minha. Os teus cabelos cobrem uma fonte de olores. A tua nuca é como uma lanchonete, irmã minha. A fragrância do *cheeseburger*, e eis que desfaleço. O pastel, a Fanta uva, a gasolina queimada, o lixo.

Como uma cidade de incensos é o corpo da minha amada. A minha amada partiu as cortinas da minha tenda de oxigênio e me atraiu para o deserto.

Ré-pensar

O mar entra terra adentro pelos rios, espalha-se pelos continentes em braços de água, perfura fontes no chão para alimentar lençóis subterrâneos que sobem à superfície pelos poros da terra e são vaporizados pelo sol, formando nuvens, que despejam a água no mar, que entra terra adentro pelos rios, e assim ao contrário por diante, que a geografia convencional precisa ser repensada. Que tudo precisa ser pensado em ré.

A primeira ameba, aquela primeira coisa viva do planeta, quando tudo era uma sopa borbulhante de amônia e vagas transparências, era o ser perfeito.

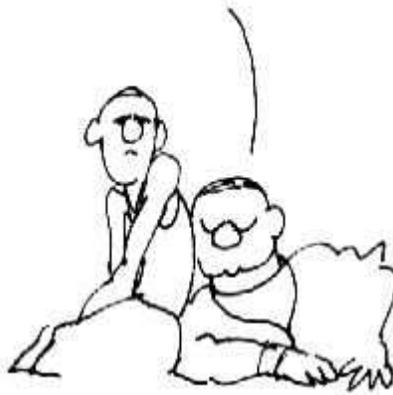
Daí, começou a involução da espécie. Que foi degenerando, degenerando, até chegar no homem, um pouco pior do que o macaco que nos precedeu e pouco melhor do que o monstro que nos substituirá, classe. A ameba era uma célula só, não tinha nem um apêndice o que dirá uma família, nem um nervo o que dirá uma inquietação filosófica. Era eterna, era puro prazer boiando na lava. E então inventou de crescer e se multiplicar e aí está, a civilização, o câncer do mundo. Depois do recreio repassaremos a história, classe.

Por volta do ano 3400 AM ou Ano da Mãe (os indígenas contavam o tempo a partir do instante em que a Grande Mãe, a Virgem dos Lábios de Guaraná, impregnada pelo vento, dera à luz Tupãzinho, filho de Tupã, o Pai de Todos, e Redentor da Selva) uma frota de pirogas partiu da costa do Brazil, que então se chamava Brasil, e, encontrando uma calmaria ao longo das Antilhas, desviou sua rota para o leste e depois de cento e vinte dias remando através do Atlântico descobriu Portugal. "Terra à vista!" gritou o índio Pé-de-Valsa, que tinha a posição de vigia naquele 1.º de abril na proa da primeira piroga (os outros remadores eram Ubirajara, Grapete, Badeco, Ademã e Clodovil). O primeiro ponto avistado foi a Torre de Belém, no que hoje é Lisboa, que os indígenas batizaram de Ponta Manoel. Os primeiros indígenas que desceram a Terra foram cercados — a princípio timidamente, depois com mais ousadia e até

divertimento — pelos nativos, gente selvagem que, na descrição de Peroba Cabeça de Poeta, relator da expedição, “cobriam todo o corpo com panos como se dele tivessem vergonha”. Para captarem a confiança e a simpatia dos nativos, os brasileiros ofereceram-se para trocar com eles flechas, contas, colares de concha, agogôs, cuícas e pandeiros pelas pequenas rodelas de metal, chamadas “moedas”, de nenhum valor, que os selvagens carregavam em curiosas bolsetas, mas as quais se recusavam a entregar. Ali mesmo, no pátio da Torre de Belém, os descobridores celebraram a sua Primeira Cerimônia, sacrificando e comendo o cozinheiro da expedição diante do olhar espantado dos nativos que, de janelas, sacadas e monumentos, tudo acompanhavam e nada compreendiam. Peroba Cabeça de Poeta, no seu relato, contaria que os nativos eram pagãos e, por mais que se esforçassem, não conseguiam assimilar a noção da Trindade de Tupãzinho, Nuvem, Trovão e Chuva numa só Entidade. “Seus rituais religiosos” — escreveria Peroba Cabeça de Poeta — “são de um primitivismo bárbaro, realizados dentro de imensas ocas de pedra, em sussurros animais, e durante o qual não comem ninguém.”

Amanhã, classe, repensaremos a história econômica do mundo que, como se sabe, tem sido uma constante luta de classes, com os ricos lutando para distribuir suas riquezas entre os pobres e estes teimando em gastar tudo no primeiro botequim. Isso explica o aparente paradoxo — perfeitamente normal para quem pensa em ré — do país cada vez mais rico com uma população cada vez mais pobre. Veremos também como...

DIGA
Cr#33,00



Uma princesa

À sua Serena Majestade Grace (née Kelly) de Mônaco Mônaco, Capital Prezada Serena: Quem tem a ousadia de lhe escrever é um pobre tropical que nem por isto descuida da Civilização e das suas Luzes. Se Sua Majestade se der o trabalho, encontrará nossa pequena cidade em qualquer mapa da América Colonial, entre os pontos de Buenos Aires e Registro, à beira do rio Guaíba (palavra indígena que significa “Mas que rio?”) e a algumas capotagens do oceano Atlântico. Levamos uma vida simples, criando gado e plantando soja, e trocando tudo com missionários paulistas por contas de vidro, pentes de plástico e o espírito destilado da cana. Nosso sistema de governo é o deus-dará: Deus é quem elege nossos chefes, acende e apaga nossos incêndios e em geral nos tem em Sua mão, entre o indicador e o polegar, com cara de quem prepara uma. Uma vez por mês chega aqui um vapor com a correspondência e jornais da Europa. E é nesses jornais, Serena, quando a fadiga do meio-dia nos faz deitar à sombra da soja ou de uma vaca, quando só as cigarras têm ânimo para conversa e nem sorveteiro fica de pé, é nesses jornais que temos acompanhado a pequena Caroline e o seu lento desabrochar para a Vida.

Lembramo-nos, como se fosse ontem, do Vosso casamento. Ainda temos em mente a sua serena gravidez, e as especulações que faziam sobre o primogênito: seria simpático, forte, bonachão e de bigode, como o pai? Teria a graciosa beleza da mãe?

Com atraso é verdade — naquele ano o vapor do Correio encalhou outra vez na barra de Rio Grande — ficamos sabendo que era menina, e se chamava Caroline. Vocês, Serenos, souberam poupá-la da Guerra Fria, de John Foster Dulles, do Sputnik, da invasão de Suez, dos primeiros discos do Chubby Checker, das guerras coloniais na África, para não falar da peste e da fome. Certo, a Princesa teve sarampo, mas com o sacrifício de duas ou três aulas de natação apenas. Lembro-me que a Revolução de 64 no Brasil coincidiu com as primeiras aulas de esgrima da Princesinha. Uma

aranha colorida subia pela minha perna, ardendo ao sol, e já chegara ao meu joelho em farrapos antes de eu me dar conta e espantá-la com meu facão camponês, tão embevecido estava numa fotografia de Caroline com toda a família em St. Moritz — e como ela esquiava!

Com que naturalidade ela deslizava pela neve, as bochechas vermelhas do vento e do frio, enquanto árabes e judeus se matavam no deserto. Como eles riam, ela e o irmão, com grossas xícaras de chocolate quente nas mãos, enquanto o mundo à sua volta envelhecia a cada minuto, ou rachava ao sol das colônias.

Devo dizer que preocupei-me com as suas leituras, Serena. Você e o Príncipe não estariam criando uma adolescente fútil e frívola como tantas? Minhas noites de insônia se revelaram improcedentes. A Princesa — soube-o depois — lia os clássicos franceses e os melhores ingleses do século XIX.

Saint-Exupéry, por certo, e um ou outro *best seller* que passasse pelo crivo da tutora, mas nada que lhe pesasse no cérebro. Pois uma Civilização só precisa de leituras para manter a conversa acima do banal.

Sim, Serena, via-a de biquíni outro dia, no jornal. Ela está uma Moça. Ela está — ousa dizê-lo? — um mulherão. Pernas melhores do que as suas, perdoe. Um sorriso e um olhar tão abertos que a gente até se constrange de espiar o decote, e o ar de quem espera o melhor do mundo. E isso é o que nos preocupa, Serena. Ela sabe da crise? Já contaram a ela que as pessoas morrem? Já contaram que o sol, mesmo o sol da Europa, e o tempo, mesmo em St.

Moritz, enruga as pessoas, e que o petróleo está acabando? Vocês criaram uma princesa do outro mundo, foi o único erro de Vossas Majestades. Sem mais, e na esperança de que esta carta não encalhe na saída, subscrevo-me *etc.*

MAOMÉ, É COM VOCÊ



Terrível

Não existe anedota mais terrível do que aquela do sádico que casa com a masoquista, e do diálogo que se trava entre os dois pelo resto da vida.

- Me bate.
- Não bato.
- Me bate!
- Não bato.

É uma história assustadora, quem a inventou certamente não sabia o que se passava na própria mente. Pense um pouco na anedota. Pare de rir e pense um pouco. É de dar vertigem. Freud sorriria à primeira vez que a ouvisse, mas naquela noite não dormiria. No dia seguinte fecharia o consultório e andaria pelas sombras de Viena meio torto de angústia (e com olheiras), olhando para as pessoas com um horror quase demente. Onde é que eu fui me meter!

- Por favor, me bate!
- Não bato.
- Só um tabefe.
- Nem um beliscão.

O horror prende na garganta. O homem é um animal que não deu certo. A verdadeira evolução deve estar se processando em outra espécie, a nossa foi um começo falso que esqueceram de cancelar.

Como o hipopótamo. Fizeram uma experiência, foi isso. Deixa ver: um bípede, com um dedão opositor, nariz aqui, boca aqui, um cérebro dedutivo, autoconsciência, imaginação para anedotas e um furor, um furor no corpo... Não, não. Não vai dar certo. Corta esse. Mas não cortaram! O homem permanece e se procria, iludido de que a Criação é com ele, que ele é o fim e a razão em vez de um equívoco do processo. Não podia dar certo.

- Me bate, pô.
- Não quero.

— Pisa na minha cabeça!

— Que esperança...

Para sempre. Imagine os dois já velhos: — Me bate com a tua bengala.

— Não bato.

Onde é que nós fomos nos meter? A anedota não tem fim. O casal jamais se separa. Não há esperança. O processo esqueceu de nós. Vai ver a verdadeira evolução já veio e já foi, alguma outra raça já está com o universo. Sobraram na Terra as tentativas descartadas. O hipopótamo, o homem, a tartaruga, os ciprestes, o rebotalho da grande experiência. Mas só o homem com a danação da autoconsciência. Foi a grande anedota que pregaram no homem, a de lhe darem uma cosmogonia (o hipopótamo não tem uma cosmogonia) e no fim lhe negarem o universo. Aparelharam o homem para compreender a evolução e a razão de todas as coisas e ele se vê condenado a compreender a si mesmo, uma péssima troca. Não é que o hipopótamo não tenha o mesmo furor do homem, é que o hipopótamo simplesmente não faz anedotas a respeito.

— Me dá um esbarrão. Pode fingir que foi sem querer, se é o orgulho que te preocupa.

— Nunca.

— Me atira um troço na cabeça. De longe.

— Não mesmo.

— Eu quero um pontapé. Me dá um pontapé.

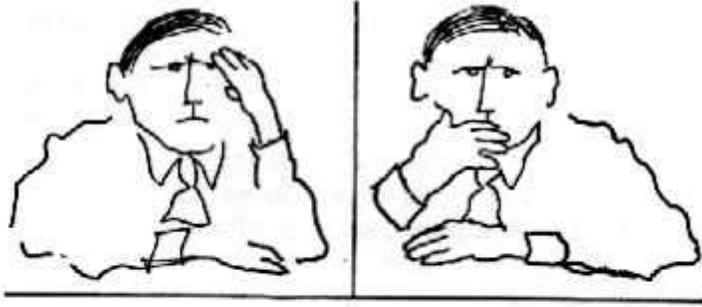
— Se você não ficar quieta eu lhe faço um carinho.

— Ahngh!

— Eu vou te fazer um carinho.

— Não! Isso não! Tudo menos isso!

THOMAS EDISON



A grande mulher nua

Diga-se apenas que ela atravessou o oceano com água pelas canelas. Deitou a cabeça sobre uma cordilheira e com o enorme traseiro branco dizimou dezessete tribos da região central. Grande e nua, os cabelos loiros estendidos por vários quilômetros para o norte, uma das mãos pousadas no litoral, a outra sobre a mata, os pés na zona temperada. Uma das mais antigas civilizações nativas, que já trabalhava em ouro enquanto a Europa andava de quatro, tentou reagir sob uma axila, mas ela se coçou.

Lânguida, leitosa, fornida, morna, roliça e com soninho. Ela bocejou, alterando o clima da região por várias gerações. E dormiu.

A primeira expedição foi liderada por Basculante de Monta, o Ariete de Deus. À frente de oitocentos homens decididos e financiado pela Companhia de Jesus, Basculante escalou o tornozelo esquerdo — o mais acessível, pela posição dos pés quando a grande mulher nua adormecera — e subiu pela tíbia.

Depois de um mês de viagem, entre ameaçadores pêlos loiros, assolados por aterradoras memórias da infância — de amas que sufocavam meninos entre os seios, de megeras que castravam adolescentes com os dentes, de bruxas e madrastas — chegaram ao joelho sem forças e sem mantimentos. Os Oitocentos da Tíbia, como ficaram conhecidos na história, mataram-se mutuamente, num sangrento suicídio coletivo que terminou com o próprio Basculante — o último sobrevivente — espetando sua espada, simbolicamente, como uma cruz, na pele da mulher, antes de cortar a própria garganta com uma adaga sarracena, relíquia das Cruzadas. A grande mulher nua acordou, pensou vagamente em como há mosquitos nos trópicos e dormiu outra vez.

A segunda expedição foi financiada pela Companhia das Índias Ocidentais e liderada pelo belga Gross, o Desbravador. Com um punhado de homens escolhidos, Gross decidiu seguir uma veia azul que terminava na mão direita da grande mulher nua, até a nascente. Sete anos depois, um membro da segunda expedição foi encontrado

entre as pontas dos cabelos da grande mulher nua, nas selvas do norte, faminto, delirando, esfarrapado, e contou a trágica história de Gross e seus mártires do mercantilismo. Metade do grupo morreram na escalada de um seio, levada por uma enxurrada de suor. A outra metade, incluindo o valente Gross, perdera o rumo e fora tragada por uma narina, desaparecendo para sempre. Só aquele infeliz conseguira escapar pelos cabelos, e durante o resto da sua vida não esqueceria o ruído surdo do sangue latejando sob o escalpo quente e os grossos fios loiros cheios de vida ao seu redor.

Alguns racionalistas perguntaram por que tentar conquistar a grande mulher nua? Ela era pacífica. Às vezes mexia um membro ou tossia levemente, e então havia terremotos, furacões, a morte de milhares, mas não era por gosto. "Exatamente", respondiam os homens de ação, atarefados com novas expedições pelos alvos flancos. "Ela não faz nada por gosto. Ela não faz nada. E é preciso fazer coisas. Fazer história. Rugir, rugir contra a grande e passiva nudez."

Trovadores suicidas (Dick Farnel, Rosabundo de Parma) subiam com seus alaúdes pelas gigantescas orelhas, e nunca mais eram vistos. Mártires do Romantismo, perdidos nos labirintos sem eco. O grande movimento de Volta ao Útero do Século XIX levou multidões em peregrinação pelo vale das coxas, para o coração das trevas e a morte certa.

Mais recentemente, a notícia de que satélites artificiais haviam detectado a presença de petróleo no umbigo despertou a cobiça das multinacionais, o choque de helicópteros no ar, a luta entre irmãos, o cataclismo nuclear, e uma leve assadura na barriga da grande mulher nua. Etc. *etc.*



Atlântida

Em Atlântida era assim: as ruas eram conhecidas pelas suas árvores. E as casas não tinham números, tinham pinturas nas portas. Você morava, por exemplo, na Rua dos Abacateiros, na Casa do Pôr-do-Sol com Javalis.

No Foro, os Sábios se reuniam para dormir depois do almoço. Depois contavam os seus sonhos, que eram transformados em leis. Tudo que os Sábios sonhavam era permitido, o que os Sábios não sonhavam não existia. Um dia, um Sábio sonhou que voava e no mesmo dia foi feita a proclamação: quem quiser, pode voar. Nenhum Sábio jamais sonhou que nadava.

O sistema de governo era um Colegiado de Reis.

Havia o Rei dos Burros, o Rei dos Canhotos, o Rei dos Comerciantes de Aveia/o Rei dos Bêbados, o Rei dos Usurários, todos tinham o seu rei. Mas quem mandava era um General.

As mulheres não tinham direitos e não existia o dinheiro. Trocavam-se produtos por mulheres. Um cântaro de vinho custava dezessete adolescentes.

Um boi, três gordas e quatro magras, quem desse quatro gordas recebia duas magras de troco. O Rei dos Usurários tinha as salas da sua casa — Rua das Figueiras, Casa das Ninfas com o Bode Azul — cheias de mulheres, que ele emprestava a juros. Uma ama-de-leite rendia quatro moças fornidas e uma anã por lua. Eram comuns as discussões: “Duas virgens por um arado? Isso é um roubo!” E trocadilhos, como o do invejado ex-dono de uma mulher com olhos como amêndoas (Rua das Acácias, Casa do Vaso de Lírios com Gato) que descrevia assim o seu novo caramanchão: “Me custou a cara dos olhos. ..”As velhas eram incineradas.

O Deus de Atlântida era um cavalo. Um dia, um Sábio sonhara com um cavalo, e no mesmo dia aparecera um cavalo no Foro. Os Sábios fizeram as Três Perguntas Mágicas sem Resposta ao cavalo. O silêncio do cavalo provou a sua divindade, e ele foi presenteado ao

General. Outro Sábio sonhou com uma sela e com estribos, que foram feitos e presenteados ao General. Outro Sábio sonhou com uma espada e com um escudo, que foram feitos e presenteados ao General. E o General, ouvindo ao longe o rumor do mar como o tropel de um inimigo, gritou: "Sonhem com um exército! Sonhem com um exército!" mas naquele dia os Sábios não dormiram a sesta. Ninguém acreditava no mar.

A terra tremeu, mas como nenhum Sábio jamais sonhara com um terremoto, ninguém ligou. Um dia o cavalo levou o General até a praia e na volta o General contou que vira a Morte. Como era a Morte?



Espumava e fazia barulho e se mexia como uma mulher na cama, disse o General (Rua dos Eucaliptos, Casa dos Caçadores com Carcaça). "Você está sonhando", exclamaram os Sábios, indignados com a usurpação de funções.

A terra tremeu de novo, e naquela mesma noite uma onda gigantesca varreu as ruas e as árvores de Atlântida e a sepultou

para sempre. Sobreviveram o Rei dos Sábios, o General e alguns trocados (ambas boas parideiras) que se uniram e tiveram muitas gerações. E até hoje as gerações do Rei dos Sábios sonham com a Morte por afogamento e presenteiam as gerações do General com exércitos, e com bombas e foguetes para conter o mar. Mas ninguém jamais sonhou que nadava.

Alves Cruz!

A *Folha da Manhã* deu alguma coisa, mas os outros jornais calaram, certamente temendo a reação oficial. Mas a história ensina que a verdade não se cala: um dos candidatos mais votados nas recentes eleições para os diretórios estudantis das faculdades de Porto Alegre foi Alves Cruz, O Que Não Sabe de Nada. Está bem, não foi dos mais votados, mas teve votos. Pode ser o começo de uma legenda política, por que não? Abraham Lincoln começou como lenhador, e o primeiro golpe que deu foi no dedão.

Para os menos afortunados, que não o conhecem, explico que Alves Cruz é um personagem que frequenta esta coluna, aos sábados. Lançado como candidato a vereador nas últimas eleições para a Câmara Municipal, só perdeu para o Glênio Peres e dois palavrões, mas o fato foi abafado. Agora concorre à presidência da República sob o lema "Pão para o Povo e uma cuca com geleia para Mim".

Espera ser eleito, embora concorra como independente ("Não tenho compromissos com ninguém, a não ser o dentista, às seis e meia!") pois confia no veredicto das urnas e na vontade soberana do povo. Informado de que as eleições para a presidência este ano, excepcionalmente, serão indiretas, Alves Cruz não ouviu.

Pedimos a opinião do insigne animal sobre a sua surpreendente atuação nas eleições estudantis. Alves Cruz não respondeu em seguida. Ponderado como sempre, fechou os olhos para pensar, e em poucos minutos estava dormindo. Repetimos a pergunta, com mais volume. Alves Cruz acordou e disse: — Aí está mais uma prova de que vivemos numa democracia. Eu, que saí do nada — a cabeça do Veríssimo — chego à condição de candidato fictício na política estudantil, outra ficção. Só no Brasil *etc.*

Indagado sobre os seus planos futuros, Alves Cruz foi taxativo: — O quê?

— Quais são os seus planos futuros?

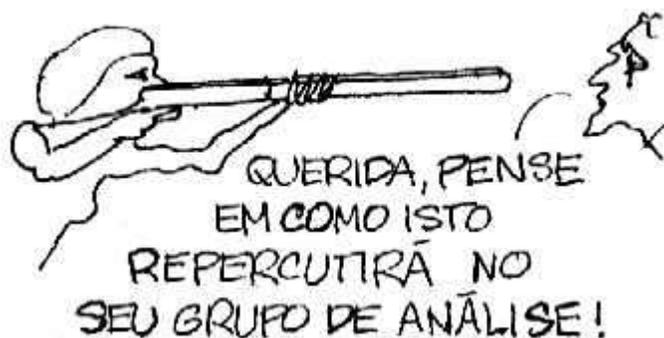
— Se eleito para a suprema magistratura da nação, não cometerei o mesmo erro de Allende. Me recusarei a ser empossado e pedirei asilo numa embaixada.

— Dizem que a sua ambição política não se restringe à esfera federal, Dr. Cruz.

— É exato. Não tenho por que esconder que pretendo ir muito além.

— Devemos então inferir que...

— Isso. Serei candidato à presidência, nas próximas eleições do Internacional!



Palavras

Tenho o mau hábito de atribuir corpo, sexo, passado, opiniões, roupagens e trejeitos ao substantivo mais comum, inanimado ou não. A palavra, qualquer palavra, sempre desperta em mim uma imagem e a imagem desencadeia um processo de visões em série, não raro com enredo, trilha sonora e efeitos de luz. Se me falam em “tédio”, por exemplo, logo sou assaltado pela patética figura do gato de harém. Imagine um animal que só abre os olhos para botar colírio, que só se deixa cocar com hora marcada! Imagine-se — você — abandonado à porta de um serralho, criado e mimado por cento e dezoito odaliscas, um Tarzan peludo das almofadas.

Paraíso nada, um inferno. O gato de harém vê tudo, faz tudo, ouve tudo em uma semana de vida, depois só boceja. Um dia resolve fugir e não consegue dar dois passos. A barriga arrasta no chão, ele se enreda na própria cabeleira. Cai de costas e fica ronronando até ser reavivado com água de jasmim. E faz a ronda de cento e dezoito colos solícitos, de duzentos e trinta e seis seios aflitos, antes de voltar à sua pantufa e ao seu tédio.

Outra palavra que tem estórias é “lascívia”.

Lascívia, imperatriz, filha de Pundonor... Imagino-a atraindo todos os jovens do reino para a cama real, decapitando os incapazes pelo fracasso e os capazes pela ousadia. Pundonor, quando não faz o papel de pai enganado, passa o tempo sentado na Praça da Alfândega de polainas e colarinho duro, o sol brilhando nas caspas que lhe cobrem o terno preto.

Pundonor só lê os convites para enterro do *Correio do Povo*. Um dia escreverá uma carta para o governador protestando contra a nudez do cavalo na estátua do Osório.

Falácia é um animal multiforme que nunca está onde parece estar. Quando você o toca ele desaparece. Tem gente que faz criação de falácias.

Beneplácito é um tipo de gorro usado pelos filhos de Pundonor nos rituais do império. Lorota é uma manicura gorda. Comichão é um móvel, uma espécie de arca, onde Lascívia guarda a cabeça dos seus amantes. Assunto é uma parte do boi. Hoje muito escassa.

A dupla

Se me perguntassem qual a personalidade que mais gostaria de conhecer, depois da Rossana Schiafinno, responderia sem um tremor na pálpebra: o Leigo. Grande e misteriosa figura. Sabe-se dele, apenas, que é brasileiro. Seu domicílio, uma incógnita. Idade, estado civil, sinais característicos — nada. E no entanto conta com um círculo de amigos solícitos e protetores. É certamente retardado, o que explicaria a ternura que desperta em tanta gente.

Sempre que podem, seus amigos pedem que a mais corriqueira informação, a mais óbvia explanação, seja duplamente esmiuçada para que o Leigo a assimile. “Você e eu compreendemos isto, sabemos aquilo, mas lembrem-se do Leigo...”

Existe uma tendência generalizada para confundir o Leigo com o Vulgo. Este é uma inteligência viva.

Ninguém, jamais, o viu em carne e osso, mas suas frases são repetidas e festejadas em todo o Brasil, Portugal e províncias. No caso do Vulgo, o afeto que desperta nos que o invocam não é unânime. É comum ouvir-se alguém começar uma fala com a frase “Como diz o Vulgo...” e citá-lo com indisfarçável desprezo. O Vulgo é capaz de atos e palavras que o Leigo nem sonharia.

Mas não falta um certo orgulho, uma certa arrogância no Leigo, ou pelo menos no Leigo como seus porta-vozes o pintam. É de uma ignorância agressiva — descontada, é claro, a hipótese do retardamento mental. Seus amigos usam a frase “o Leigo não vai compreender isso” como uma advertência, quase uma ameaça. Como se um Leigo confuso fosse subitamente encarnar-se em alguma forma monstruosa e exigir, sob pena de vexame ou hecatombe, uma explicação.

Imagino que, dada a coincidência de hábitos e mistérios, o Leigo e o Vulgo andem juntos. E não posso deixar de conjecturar que em alguma cidade do Brasil, neste exato momento, o Leigo e o Vulgo estejam se deparando com algo inexplicável.

Visualizo a frustração do Leigo transformando-se em fúria. “Não compreendo! Não compreendo!” E o Vulgo, que é malandro, tentando contornar a crise.

“O negócio é o seguinte, Leigão... ” E maneirando, inventando, aplacando a revolta do amigo. O Vulgo é a sabedoria do Leigo. O Leigo é um burro virtuoso e convencido das suas razões, um tipo perigosíssimo se abandonado aos próprios ressentimentos. Vulgo é um safado mas sabe, instintivamente, separar sua astúcia da sua frustração. Você e eu só precisamos temer o dia em que a incompreensão do Leigo e a astúcia do Vulgo se unirem. A solicitude dos amigos do Leigo, desconfio, é puro medo.

Criatividade

Uma das coisas que eu faço na MPM Propaganda é redigir a folhinha da Ipiranga. Folhinha, nada: folhã. O Leitor Mais Atento já deve, a esta altura, estar perguntando: "Mas redigir folhinha, como?" E é justa e procedente a sua perplexidade. Numa folhinha, o único texto necessário é o nome dos meses, a abreviatura dos dias da semana (Qua, Qui, Sex, você os conhece) e os números correspondentes. Redigir, então, o quê? Não importa, o certo é que redijo. E mais, a folhinha Ipiranga deste ano foi premiada, em São Paulo, como a melhor do ano em todo o Brasil. E na relação dos premiados, lá estava: arte, Joaquim da Fonseca; redação, eu.

Recebi o cumprimento dos colegas, depois da premiação, com exemplar modéstia. Aquela cara de "não foi nada, realmente..." Muitos particularizavam o elogio. "Olha, gostei muito do teu Outubro" ou "Sensacional, teu Novembro". Aos mais reticentes em seu entusiasmo, é claro, eu sugeria que a coisa não fora muito fácil. "Vocês sabem, ano bissexto, tive alguma dificuldade com Fevereiro... mas não foi nada, realmente." Alguns achados de redação mereceram comentários mais animados. O 1.º de Maio e o Natal, ambos caindo numa segunda-feira, por exemplo. E a maneira feliz como consegui encaixar o 21 de Abril numa sexta (sem dúvida o meu momento de maior inspiração).

Mas nunca faltam os insatisfeitos. Os que acham um mês "pouco criativo", outro "mal solucionado".

Coisas assim que desanimam o artista. Confesso que cheguei a pensar em virar a mesa. Ah, não gostaram, é? Esbocei, impensadamente, uma folhinha anárquica para o próximo ano. Começaria em julho e acabaria em janeiro. Todos os feriados oficiais seriam enfileirados numa alucinante quinzena de abril (que no meu calendário cairia entre agosto e fevereiro) e o mês de dezembro seria totalmente suprimido. Haveria eclipses do sol de dois em dois dias. Semanas inteiras só de sábados e lua cheia! No fim a consciência profissional falou mais alto e redigi uma folhinha

ortodoxa, com o correto equilíbrio entre longos fins de semanas (reclamados pela indústria do lazer e as empresas de turismo) e dias úteis (reivindicação das classes produtoras). Tive que resistir a um ou outro impulso mais frívolo. Por pouco não coloquei a Sexta-Feira Santa na terça-feira de carnaval, só para ver o que aconteceria. Mas acabei com uma folhinha sóbria, elegante, sem grande brilho estilístico mas decididamente superior. Uma folhinha, em suma, bem redigida. Espero ser premiado outra vez.

(Não se engane com o dia 1.º numa segunda-feira, e com o 7 de Setembro numa sexta. Em compensação, o 1.º de Maio cairá numa terça e a Proclamação da República numa quinta, para aprenderem a não reclamar. Atendendo a pedidos, re programei o carnaval para princípios de março mas o Natal na terça é irreversível. Não posso contentar a todos!)

Os frutos do ócio

Na sexta-feira antes do carnaval dei ordem para só ser incomodado em casos de extrema urgência como, por exemplo, a hora da comida. Decidi me retirar do mundo e só ressurgir, como uma fênix mal-humorada, das cinzas da quarta-feira. Durante quatro dias, enquanto a república se entregava alegremente a cadeiradas, garrafadas, cargas da polícia — os tradicionais folguedos de Momo — eu estive recolhido a mim mesmo, repensando as coisas. Foi uma longa, às vezes angustiosa, mas finalmente proveitosa viagem interior, da qual voltei com uma nova visão do homem, da vida e do valor de tudo. Não sei se a humanidade está pronta para estas revelações, mas não quero pensar que todo o meu trabalho em não fazer nada durante quatro dias tenha sido em vão.

Comecei com o relaxamento ritual hindu.

Deitado de costas, de olhos fechados e com as mãos cruzadas sobre o baixo-ventre para evitar qualquer imprevisto, exortei o meu corpo a abandonar as tensões acumuladas em milhares de dias úteis.

“Esqueçam tudo, pés. Dedos: tudo vai acabar bem. O dedão, eu sei, está preocupado com a crise do petróleo, mas não deve se preocupar. Calma, tibia.

Joelhos, o que é isso? A guerra atômica é uma possibilidade remotíssima. Vocês devem confiar no Kissinger e no bom senso dos líderes mundiais. O músculo adutor direito não tem por que pensar no custo da vida. Calma. Etc., etc.” Quando até o meu último fio de cabelo estava, finalmente, relaxado (a pálpebra esquerda me deu algum trabalho, descobri depois que ela estava muito nervosa com a saúde do Onassis), dormi durante quinze horas e acordei com a primeira das Três Revelações do meu resguardo.

A Primeira Revelação: a maior prova de que a Criação é imperfeita é a existência das unhas do pé.

Quase perdi o sono com a grandiosidade desta descoberta e todas as suas implicações. Não há lugar para a unha do pé em

nenhum Desígnio da Criação.

A unha do pé é um esquecimento — logo, uma imperfeição — da força que nos criou e nos traz de pé, seja ela Deus ou que outro nome tenha. E, portanto, pode pôr tudo a perder. A unha do pé é a única coisa absolutamente inútil do corpo humano.

Os próprios dedos do pé têm uma razão para existir.

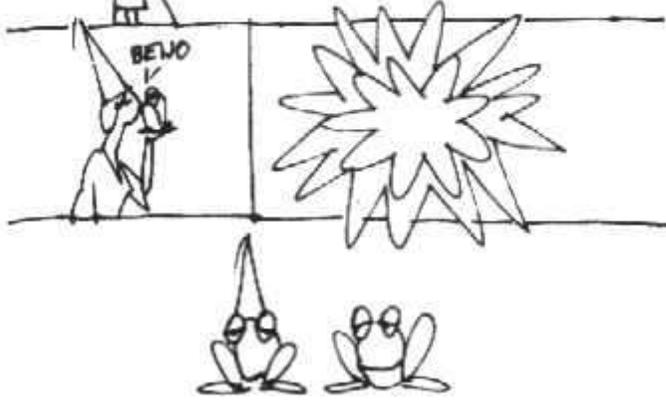
Ajudam — dão uma mão, por assim dizer — no equilíbrio da espécie. E estão nas origens da sandália havaiana. As unhas do pé não têm qualquer aplicação prática. Dirá alguém, preocupado com o alcance da minha revelação, que deve haver alguma serventia para a unha do pé. Não há. É horrível, mas não há. As unhas do pé não têm justificativa. E o fato de persistirem, através das gerações, sem qualquer indício de estarem no fim, denuncia a incompetência dos responsáveis pelo nosso destino. Você chega a desconfiar que não tem ninguém prestando atenção.

É tudo gratuito e sem sentido. A partir da unha do pé você começa a questionar todas as intenções do universo. Se a unha do pé existe tudo é permitido.

Depois dormi mais dezessete horas e acordei com a Segunda Revelação: a unha do pé tem uma função que ainda não nos foi revelada. É isso! A unha do pé é a chave de tudo. No fim dos tempos saberemos a serventia da unha do pé, e o homem se conhecerá pela primeira vez.

Dormi mais vinte horas e acordei com uma comichão no tornozelo esquerdo. Cocei com a unha do dedão do pé direito, enquanto tentava descobrir que revelação me acordara desta vez. Não consegui e dormi de novo. Quando me lembrar da Terceira Revelação conto para vocês. Nem que seja só no outro carnaval.

BEIJA-ME E EU TE PROMETO:
FORMAREMOS UM BELO PAR
E VIVEREMOS FELIZES
PARA SEMPRE



Cerimonial

Li que o governador teve calorosa recepção, anteontem, no aeroporto, quando chegava de Brasília, e fiquei pensando que esta deve ser a maior alegria de um governante no Brasil, essa garantia de que tudo tem a sua cerimônia e que as cálidas emoções de uma chegada concorrida fazem parte do protocolo e estão incluídas entre amenidades do cargo. Quem já procurou em vão por uma cara amiga esperando no aeroporto sabe que esta não é uma regalia de se jogar fora. O governador viajou no fim da semana passada, esteve fora quatro dias, mas foi recebido como quem volta de sete anos de sofrida ausência. Não sei se houve lágrimas, abraços prolongados — “Que saudade!” — etc., mas sei que o chamado “mundo oficial” do Estado estava todo, efusivamente, lá, e que foi pouco governador para tantas boas-vindas. Depois de quatro dias!

Estou falando, é claro, de inveja. O que falta na nossa vida é o cerimonial, leitor. Você e eu vivemos num mundo sem protocolo. As coisas nos acontecem e nada as festeja. O governador dá um pulo a Brasília e volta consagrado, você e eu passamos uma semana na praia e somos recebidos com vagas perguntas (“Choveu muito?”) e completa indiferença.

O governador, antes de viajar, passou o cargo ao vice-governador, e não duvide que a solenidade esteve à altura do momento — embora fossem só quatro dias. São as pompas do Estado, e o Estado está certo. A vida precisa ser ritualizada para ter sentido. Tudo, afinal, é simbólico. O pessoal às vezes exagera (se o governador tivesse passado *oito* dias em Brasília certamente haveria desmaios na recepção) mas uma autoridade não pode simplesmente embarcar e desembarcar. Ela embarca e desembarca simbolicamente.

Decidi que uma existência protocolada não precisa ser privilégio só de autoridades e estou partindo para uma total formalização dos meus dias.

Tomemos, por exemplo, o ato de acordar. É uma coisa corriqueira, acordar de manhã, mas não é tão insignificante assim. Quem acorda passa de um estado de consciência para outro, e quando isto acontece com o chefe da família, bom, é como se a família, a célula mater da sociedade, acordasse. No ato de abrir os olhos, o homem transforma-se no cidadão. É uma espécie de desembarque. Exijo, pois, os meus filhos perfilados ao lado da cama e uma breve alocução da minha mulher. Algo sobre o dever, o trabalho honesto, o valor deste homem que neste momento deixa o recesso da cama e assume o seu lugar na Vida Útil, passando antes pelo banheiro.

Que o meu sacrifício fique bem marcado. Quero um corneteiro para o Toque de Abertura da Garagem, que deve ser longo e melancólico já que a porta sempre tranca. À noite, devo ser recebido com a Cerimônia de Chegada, que consiste na apresentação ritual do Brasão da Família — uma máquina de escrever emperrada, circundada por montes de contas a pagar — e o Beijo Ritual no Chefe. Depois...

Injustiça

O diabo é que eu *sei* o que fazer com catorze milhões. Tenho tudo planejado. O esquema está montado. A um aborrecido sinal meu, as coisas começariam a se mexer como um mecanismo suíço.

Os vistos nos passaportes, a entrada no terreno, as sugestões para o arquiteto, as reservas para o Splendid em Portofino e aquela mesa de canto no Garin de Paris (para o resto da vida), os pedidos de demissão, o telefonema para a Sandra Bréa, tudo.

Até já escolhi o lateral que compraria para o Internacional. Tudo organizado. Com organograma, tabela de juro, os melhores meses para se comer ostras na Costa Brava e trufas na Provence, as causas que merecem apoio e as que eu esqueceria.

(Fundos para a luta mundial do socialismo ou uma piscina térmica no porão? Ah, eu finalmente me conheceria...) Meu coração não pularia uma batida.

Nenhum gerente da Caixa me sequestraria na segunda-feira. Diante das câmaras e dos microfones, simplesmente diria que tudo estava previsto, para milionário só me faltava o dinheiro. Quer dizer, se a sorte abrisse concorrência, não encontraria ninguém melhor preparado do que eu para recebê-la. Mas ela é distribuída sem o menor critério de competição.

Já que não consigo passar dos onze pontos, estou pensando em ganhar com a Loteria de outra maneira. Me oferecendo a quem ganha sozinho e não sabe o que fazer com o dinheiro para aproveitá-lo em seu lugar. Digamos que o vencedor desta semana seja um aposentado pelo INPS em Roraima. Um homem pacato, com a vida feita e tranquila, mas que com quinze ou dezesseis milhões no banco se sente obrigado a aproveitar a vida. Ele compra casas, dá um presente para a velha tia que o criou, investe o dinheiro sensatamente, e não sabe o que fazer com seus rendimentos. É aí que eu me apresento. Um profissional do supérfluo. Enquanto o nosso ganhador mantém o ritmo de vida que o faz feliz, eu dou duro gastando o seu dinheiro da maneira mais conspícua possível. Ninguém dirá do milionário — “É um pão-duro” — ou — “Não sabe aproveitar o dinheiro”. Pois estará sustentando o mais extravagante estilo de vida que os milhões podem comprar. Sem sair de casa. Sem culpa. Claro que terei de cobrar alguma coisa extra, para cobrir a minha dissipação progressiva no esbanjamento da sua fortuna. Uma espécie de taxa hepática. Mas acho que valeria as minhas penas.

Remorso

Deus criou o mundo em seis dias, descansou no domingo e na segunda se arrependeu. Desde então, a segunda-feira ficou consagrada como dia internacional do remorso. Dia de ardência no esôfago e segundos pensamentos. De telefonar para os amigos e avisar que não nos responsabilizamos por nada dito, feito ou sugerido das seis horas de sexta-feira à meia-noite de domingo. Nem pelas ofensas nem pelos elogios.

— Alô, Fulano? Desculpe por tudo.

— Desculpe por quê?

— Não sei, mas desculpe. Não me lembro de mais nada depois que saímos do Butikin.

— Mas nós não tivemos no Butikin.

— Então foi pior do que eu pensava. Escuta, quantos são os mandamentos?

— Da última vez que contaram eram dez.

— Eu só me lembro de ter desejado a tua mulher, deixa ver, levantado falso testemunho, roubado, desonrado meus antepassados por várias gerações... Até aí são quatro, só na sexta-feira.

— Mas você me deu uma grande alegria, disse que eu era um cara sensacional e...

— Então são cinco, menti também. Em todo caso, obrigado por me trazer em casa.

— Mas foi você quem nos deixou em casa no seu carro.

— Impossível, eu não tenho carro! Que noite...

A Loteria Esportiva institucionalizou o remorso.

Você começa se martirizando por não ter adivinhado — meu Deus, tava na cara! — que o Palmeiras empatava com o Sergipe e termina desencavando culpas arqueológicas, dando toda razão aos fados por não premiarem o seu indigno, ignóbil, pretensioso, ridículo cartão da Loteria. Os treze pontos, você tem certeza, só vêm para os

puros de espírito. Aí você jura que não bebe, não peca e não joga, nunca mais.

Ou pelo menos até a próxima quinta-feira.



A visita

Imagino que ganhar na Loteria Esportiva deva ser um pouco como ter uma experiência religiosa.

Como uma revelação para um ateu. Como você estar passando pela frente do Rian, por exemplo, e ter uma visão de luzes.

— Para, Pecador! Trago uma mensagem do Senhor Teu Deus.. .

É uma nuvem que lateja e brilha, uma hoste de anjos com cometas, e um arcanjo com um pergaminho. Não pode ser com você.

— Deve haver algum engano.

— O Senhor nunca se engana. Foste o Escolhido!

Pera um pouquinho.

Os anjos ensaiam uma clarinada. Alguma coisa de Albinoni. Você olha para todos os lados, embaraçadíssimo.

— Shhh, olha o vexame. Eu nem acredito nessas coisas. Deixa eu passar, pô.

— Para, Pecador, e ouve.

Tem gente olhando para você, você tem uma porção de coisas para fazer, não pode ficar ali parado, conversando com uma aparição de camisola no meio da rua. Mas o Arcanjo insiste.

— Foste o Escolhido! A ti serão confiadas as Sete Revelações do Milênio, a Chave da Criação.

Você sai correndo, é claro.

E o que eu quero dizer é isto: ficar bilionário de sábado para domingo é um pouco como ser o beneficiado por uma decisão mística. A experiência não está contida em nenhuma expectativa da minha vida ou da sua. A gente aceita como uma abertura para o sobrenatural, ou enlouquece.

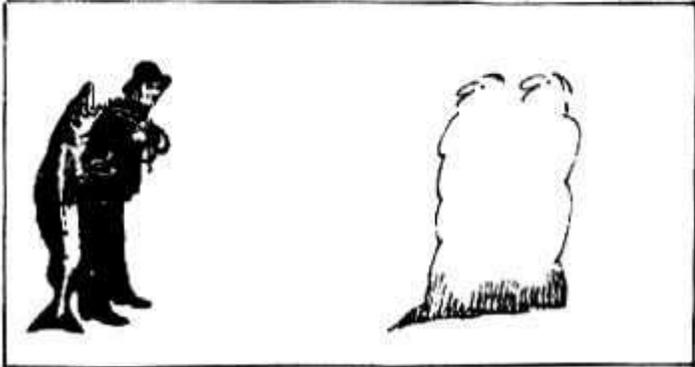
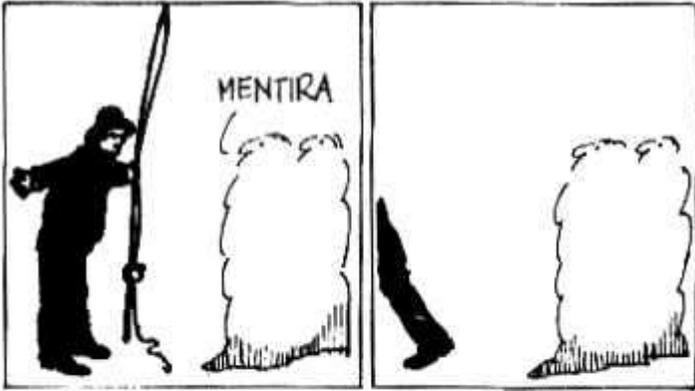
Ganhar um bilhão, digamos, roubando, é natural. Você faz planos, dissimula, sua um pouco, ganha a confiança de quem tem a combinação do cofre ou então usa dinamite, de qualquer maneira é uma conquista honesta. Há o remorso, mas não há a loucura. Herdar um bilhão também está dentro da ordem racional das coisas.

Razões do sangue, fatalidade genética, você certamente já terá vivido sempre como um bilionário, só faltava o bilhão no seu nome. Ganhar seu bilhãozinho com golpes na Bolsa, enganando o fisco e explorando os outros? O nome disso é capitalismo, filho, nada mais defensável. Desde pequenos somos preparados para os frutos da meritocracia, os prêmios da perseverança e os juros do tempo bem empregado.

Ganhar bilhões sem mérito ou habilidade, ou sem ser filho do dono da fábrica, simplesmente não está previsto, não está nas células.

E não há mérito nenhum em ganhar na Loteria Esportiva. Ganha mais quem joga pior, quem escolhe o resultado que fere qualquer lógica ou sabedoria.

Ganhar na Loteria Estadual ou Federal (ou no bicho) não é a mesma coisa, geralmente é aquele pedaço que você compra e que um dia — pela perseverança — tinha que dar. No pôquer, na roleta ou em qualquer outro jogo de azar, você está, até certo ponto, no comando, tomando decisões e acumulando méritos junto com as fichas. E em nenhum destes casos o prêmio é tão grande. Imagino a angústia daquele pobre coitado que jogou dois cruzeiros e ganhou onze milhões. Ele deve estar esperando, agora, a imortalidade. Deve passar as noites em claro, esperando a visita do Arcanjo e o anúncio da vida eterna. É uma angústia de frente para o mar, certo, mas eu não a invejo. Que bobagem, invejo sim. Estou preparado, Senhor!



Campeonato brasileiro

Com a inclusão, à última hora, do time dos recém descobertos índios anões do alto Xingu, os Mini-Titikas (quase não foram descobertos a tempo, não conseguiram um ponta-esquerda, quem vai jogar é um tamanduá amestrado chamado Adonias que chuta com as quatro), o regulamento do próximo campeonato brasileiro de futebol sofreu ligeiras modificações.

Na fase preliminar jogam os setecentos clubes entre si. Esta fase não vale pontos. No fim volta todo mundo ao zero e começa tudo de novo. É só para esquentar os músculos e para o pessoal se acostumar com avião.

Na segunda fase, o número de participantes é reduzido para trezentos e cinquenta. Isto é feito obedecendo-se o seguinte critério técnico: os nomes de trezentos e cinquenta clubes são escritos em papezinhos que são dobrados e colocados dentro do chapéu do Heleno Nunes. Aí Heleno Nunes esquece o chapéu num táxi.

Nesta fase os clubes são divididos em cinco chaves de setenta times cada uma. Os setenta times jogam — isto é importante — não contra os times da sua chave mas contra times que tenham o mesmo número de letras no seu nome. Três córners valem um pênalti, gol de rebote vale dois, gol de chiripa não vale.

Para a terceira fase classificam-se vinte times de cada chave, a não ser que um diretor da CBD passe mal a noite, levante de mau humor e resolva que se classificam os setenta mesmo, não quero discussão.

Os cem times jogam entre si durante sete anos, em turno, retorno, revanche e negra. Ganha o time que conseguir colocar um mínimo de seis jogadores uniformizados em campo para a última partida, sendo necessário que os jogadores fiquem em pé sem a ajuda de terceiros, ou mesmo de segundos, durante um minuto. Se nenhum time conseguir isso, voltam os setecentos clubes originais e começa tudo de novo, só que agora só será marcado impedimento

dentro da pequena área, qualquer falta é pênalti, pênalti vale gol e pode sentar no goleiro.

Até aí, nada de novo. A novidade do regulamento é que, para apressar a disputa, alguns jogos serão realizados no saguão dos aeroportos. Os times já descerão do avião de uniforme, saudarão os carregadores e jogarão, no aeroporto, contra o time da casa, até a chamada para o embarque de volta.



Nestes jogos não serão cobrados ingressos, a Loteria Esportiva paga tudo. A plateia, animadíssima, será composta de dirigentes da Varig, da Cruzeiro e da Trans-brasil, que são os mais entusiasmados com o campeonato brasileiro, por algum motivo. Aí...

E pensar que a gente falava no campeonato nacional como a salvação do futebol profissional no Brasil! Isso, é claro, antes de pegar a mania da Integração Nacional. Um supercampeonato entre os clubes mais fortes das cidades economicamente mais importantes do Brasil, bem organizado, bem promovido... Foi tudo um sonho e acabou. O importante agora é alimentar o mito do Brasil Grande e, através do futebol, dar às mais remotas misérias do país a ilusão de estarem integradas na euforia desenvolvimentista de meia dúzia. O mal do campeonato brasileiro é que ele ficou brasileiro demais.

A primeira cena

Um amigo está bolando um livro policial. Ainda não tem nem título nem estória, mas tem uma primeira linha fantástica: “Já não fazem cílios postiços como antigamente...”

A primeira linha é importantíssima. Mais importante até do que a última. Pela primeira cena se conhece o escritor policial. Uma boa primeira cena dispensa até o resto do livro. De pura inveja, andei bolando alguns começos para livros policiais que jamais escreverei. Olha aí, Onofre, se algum encaixar no teu, bom proveito.

“Sua cabeça estava atirada para trás. Seus lábios entreabertos eram dois gomos rubros de uma fruta selvagem. Meus olhos derraparam na curva do seu pescoço, a caminho do sul. A blusa desabotoada até o umbigo deixava transparecer os seios como dois convites, e um já chegava. Por um instante louco, o fato dela estar morta quase não foi suficiente para me conter.”

Outro começo: “Shelby olhou fixo para o fundo do seu copo de *bourbon* e pensou: mais três destes e eu fico sóbrio”.

“Ela entrou na minha vida como Eva entrando no paraíso. Era a primeira mulher que eu via. Todas as outras tinham sido impostoras. Suas primeiras palavras foram: — Você está sozinho?”

— Toda a minha vida, boneca, até agora. Estava tão estonteado que levei cinco minutos para notar a arma na sua mão.”

Tem mais, tem mais.

“O conde russo me olhou com desprezo, disse que era o último cavalheiro real do mundo, tirou a piteira da boca e vomitou em cima da mesa.”

E outro: “Não era um homem, era o Elo Perdido. Cada uma das suas mãos felpudas era um latifúndio, com vilas, riachos e pastagens. Sua testa chegara na sala dois minutos antes dele. Ele deve ter notado o meu espanto.

— Que cara é essa? — perguntou. E falava!

— Nada. Só estou lamentando não ter me formado em antropologia. Estaria consagrado.

Ele hesitou. Estava pensando, e o esforço era visível.

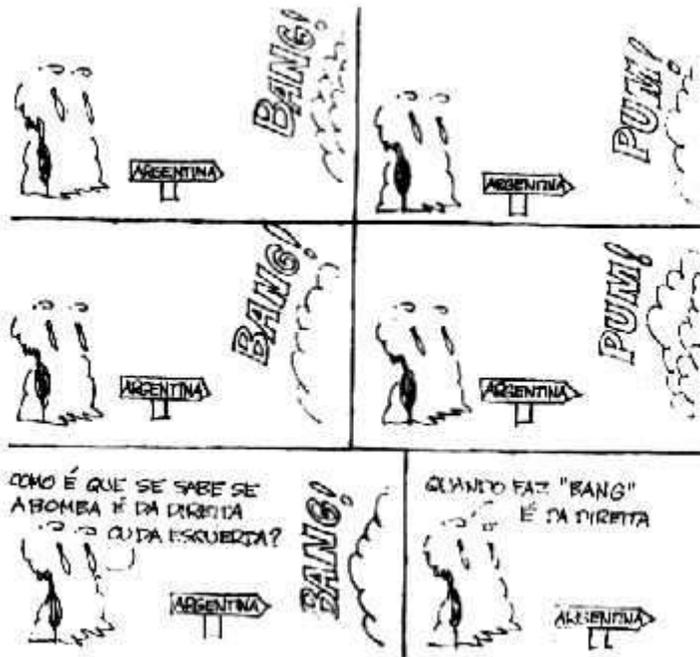
— Isso é uma piada?

— Eu pareço um suicida? O que é que você quer? Estou ocupado.

Era mentira. Meu último caso fora há três meses, e esquecera de pagar. Ultimamente minha única ocupação na vida era pedir paciência ao meu estômago e aos meus credores. Estava a ponto de empenhar o meu 38 e investir os proventos numa refeição completa.

— Quero contratar você para encontrar a minha noiva.

Tive uma rápida visão da versão feminina daquele cochilo da ciência. Mal sabia eu que...”



Uma grande ideia que eu tenho é para um policial gramatical.

Se chamaria "A terceira pessoa" ou "O sujeito oculto". Começaria assim: "O inspetor Luft mordeu a haste do seu cachimbo com força, como costumava fazer quando algo o aborrecia. Aquela frase na sua frente não fazia sentido. Faltava alguma coisa... O jeito era interrogar, mais uma vez, todos os seus componentes.

— Mande entrar o pronome — disse o inspetor para o sargento, que faz uma careta de impaciência.

O pronome, outra vez? Era um oblíquo, um evasivo...”

O mágico

A elegância do mágico é a sua forma de desdém pela humanidade. Não é, por exemplo, igual à elegância servil de um *maître* ou de um animador de espetáculos. Se parece mais com a sombria elegância de um cocheiro de carro fúnebre ou de um conde vampiro. A elegância aristocrática do Diabo. Pomada no cabelo e renda no peito — os limites antigos da frivolidade. O forro de cetim vermelho na capa preta da Transilvânia é a única concessão à *mise en scène*.

Tudo o mais para ele é ilusão, e desprezível. A vida é um truque feito com luzes. O preto é a ausência de luzes. A única coisa séria na vida é a Morte e os que convivem com ela se obrigam ao respeito e à casaca e à extrema sobriedade de hábitos. No máximo, no máximo, uma piteira.

O mágico é um vigarista consentido e esse divertido fascínio de enganador impune esconde o seu terror maior, de conviva da Morte. O que não seria coisa para criança. O mágico arregança as mangas e mostra — nada aqui, nada aqui — e mesmo assim as cartas continuam a brotar das suas mãos, é divertidíssimo. Um baralho inteiro do nada, dois baralhos, quando a criança está pronta a concluir alguma coisa assustadora sobre a finitude do universo, vem o truque seguinte, o das argolas de prata ou o da caixa chinesa, e a revelação é adiada.

Pois se Deus tirou o mundo da sua cartola, pai...

Shhh, meu filho, olha: ele agora vai serrar a mulher ao meio.

Deus tirou o mundo da sua cartola, como um coelho. Seu filho nasceu como por mágica. Seu filho transformava pedra em pão e água em confete. A mãe do seu filho foi levitada até desaparecer do palco. Quem morre desaparece dentro deste caixão mas — sensacional! — reaparece vivo no mezanino, para toda a eternidade. As moedas de ouro saem de trás do ouvido dos empresários na plateia. Um lenço branco é um lenço branco mas também pode ser uma pomba. Romance, basta acreditar. A gravata cortada fica

inteira. (As coisas se recompõem, a vida continua.) As argolas de prata engatam e desengatam, é divertidíssimo. Todos os lados da caixa chinesa são falsos, mas essa revelação não nos serve. Um lado falso a gente aceita, todos os lados falsos é o Terror. O mágico nos despreza por isso.

O espetáculo de mágica é a única experiência que qualquer um de nós jamais terá do sobrenatural.

O espetáculo de mágica é o que uma missa deveria ser, uma reconstituição mítica do Princípio e do Mistério como espetáculo. Nada aqui, nada aqui, e de repente as luzes e a vida. Deus tirou o homem e a mulher da sua cartola e eles se reproduziram como coelhos. O espetáculo mantém as ilusões, o truque nunca é denunciado. Mas, mesmo sem saber, a plateia está convivendo com um conviva da Morte, um elegante emissário do outro lado, e mais perto do que ela jamais estará da revelação.

Evolução

Os fracos herdarão a Terra, mas não no sentido que queria a Bíblia, como prêmio à humildade e à contemplação. É que só os miseráveis de hoje estão preparados para enfrentar qualquer crise. Eles estão treinando há gerações.

Pense um pouco. Quem tem mais possibilidade de aguentar uma crise total de combustível? Os pedestres, é claro. Os carroceiros. Algumas tribos nômades. Você e eu, acostumados ao carro particular, ao táxi, ao ônibus seletivo e à carona — ao transporte automotor, enfim — não saberemos mais andar. Nós não somos automotores, nos habituamos a ser levados. Não teremos nenhuma chance contra quem se criou em filas do INPS e correndo para bater o ponto. Chegaremos, invariavelmente, por último, nos queixando dos calos.

E a crise de alimento? Quando só houver arroz, feijão e um pouco de farinha para cada cidadão, quem terá estômago para

aguentar? Quem se acostumou desde pequeno, claro. Os subnutridos natos. Prevejo os hospitais cheios de novos-pobres sendo atendidos por saudáveis favelados.

— Tome a sua sopinha de aipim, vamos. O aipim é deste ano. Eu mesmo lavei.

— Argh!

— Hoje ela tem até um pouquinho de sal.

Coragem...

As forças vivas de hoje serão os marginais de amanhã.

Associações de lavadeiras farão chás de capim beneficentes, em prol das damas de sociedade com insuficiência calórica. Ex-zeladores de carro darão pequenas gorjetas a executivos para ficarem cuidando das crianças enquanto eles saem para fazer biscates. Os líderes desta nova sociedade serão os catadores de lixo — ou técnicos em reciclagem, na nova nomenclatura. O que descobrir mais coisas reaproveitáveis no meio do lixo será aclamado Homem de Visão do ano, com direito a um carroção particular puxado por três parselhas de profissionais liberais.

Cada privação criará a sua elite. Com a falta de energia elétrica teremos a ascensão dos ladrões, acostumados a andar no escuro. A crise da habitação favorecerá os que vivem embaixo de pontes. Estes venderão seu *know-how* financiado, mas a correção monetária será demasiada e haverá uma onda de despejos, para dentro do rio. Comece, portanto, a tratar melhor os miseráveis. Dê altas esmolas.

Corteje os seus empregados. Seja caridoso. E se você é daqueles que dizem — “Não sei como essa gente consegue sobreviver” — procure descobrir e decore tudo. Para eles a crise sempre existiu. Eles têm uma prática!

A que ponto

A Sra. MLD, casada com o industrial CGD, trinta e quatro anos, dois filhos no ginásio, casa própria, duas empregadas, formada em psicologia na PUC mas totalmente dedicada ao lar e à família, católica praticante, muito ativa em obras sociais, saiu de casa para ir ao supermercado, no Volks que o marido comprara para ela usar enquanto ele levava o Corcel para o escritório.

Ao mesmo tempo, a sra. DSS, casada com o advogado RPS, vinte e oito anos, três filhos (o menor no maternal), apartamento próprio, uma empregada, com veleidades culturais (alguns poemas), totalmente dedicada ao lar e à família, católica por formação, esparsamente ativa em obras de caridade, saiu de casa para ir ao supermercado, na Variant que o marido deixava para ela nos dias de fazer rancho.

As senhoras MLD e DSS chegaram ao mesmo tempo na porta do supermercado. M vestia *slacks*, camiseta de malha (com *soutien*), um lenço simples na cabeça. D, um vestido estampado, sandálias de couro. Cruzaram na entrada do supermercado. Não se conheciam, mas sorriram-se. As duas jovens senhoras.

Oito minutos mais tarde, a Sra. MLD, com um frio no coração, avistou uma lata de óleo — a última — na prateleira do supermercado. Apressou o passo, deixando seu carrinho para trás, e pegou a lata. Ao mesmo tempo, a Sra. DSS, que vinha da direção oposta, também pegou a lata. Ambas riram, com a coincidência, mas nenhuma largou a lata.

— Acho que eu vi primeiro — sorriu M.

— Não, acho que fui eu — sorriu D. Riram-se outra vez, mais alto, cada uma tentando puxar a lata para si. Meio sem jeito, M disse: — Que coisa horrível, a que ponto chegamos!

— Parece incrível, não é mesmo? — concordou D.

Mas nenhuma das duas largou a lata. Já não sorriam.

M firmou o pé no chão e tentou desequilibrar D.

Esta respondeu com um puxão, pensando surpreender M. Caíram sobre a prateleira de açúcar — que felizmente estava vazia.

— Larga! — rosnou a formada em psicologia na PUC.

— Larga! — rosnou a eventual poetisa.

A confusão, que já atraía uma considerável assistência, acabou por atrair também o gerente do supermercado. “Senhoras!”, pediu ele, mas já não havia senhoras ali. Duas fêmeas brigavam por uma presa. (Tudo isso aconteceu no Brasil, anteontem.) Quem ganhasse levaria o óleo para a sua caverna.

Dedicadas com igual força ao lar e à família, as duas feras derrubaram uma gôndola carregada de conservas.

— Os vinhos estrangeiros! — gritou, em pânico, o gerente, vendo a direção em que se desenvolvia a briga. Ninguém conseguia apartá-las. Estavam ambas, agora, quase nuas.

Derrubaram a gôndola de vinhos estrangeiros.

Rolaram, engalfinhadas, sobre os cacos de garrafas.

O sangue se misturava com o tinto, o branco e o rose. Houve um momento em que D conseguiu safar-se da adversária e correr cambaleante, triunfante, pelo corredor, com a lata erguida na sua mão ensanguentada. Mas M correu atrás e com um salto e um berro atracou-se nas costas de D, derrubando-a.

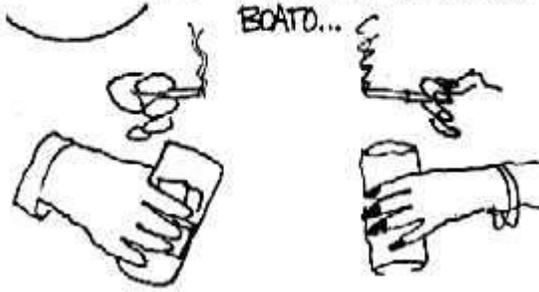
— Chamem a polícia!

D, mais moça, conseguiu erguer-se mesmo com M montada nas suas costas. Andava de joelhos.

Apertava a lata contra os seios, onde agora o vinho e o sangue se misturavam com farinha, sucrilhos e etiquetas de preços. Todos viram que D dirigia-se para a seção de carnes. Queria uma faca afiada para cortar fora aqueles braços que lhe envolviam a cabeça, aquelas mãos que lhe arranhavam o peito buscando a última lata de óleo. E de repente soltou um grito que começou agudo e terminou grave e borbulhante.

Os dentes de M tinham se cravado na sua jugular.

EU TENHO CERTEZA QUE
JÁ OUVI O SEU NOME EM ALGUM
BOATO...



Farsa

Por ordem de entrada em cena: Dona Maria — dona de casa.

Dr. José — seu marido, cotado para a governança do Estado.

Júlio — o filho, traficante de drogas.

Mariazinha — a filha, estudante de comunicação.

Benedita — a velha empregada da família, simbolizando os valores tradicionais.

Flamarion — o jardineiro.

Outros figurantes: a decadência da burguesia, o materialismo, a incerteza da vida moderna, o ritmo trepidante da vida urbana, a poluição ambiental, o abismo moral.

Cena: a sala de visitas de uma casa da alta classe média em Porto Alegre. Dona Maria entra pela porta da rua com enorme pacote de supermercado.

Tropeça e cai, largando o pacote, que está cheio de jornais velhos. Ergue-se rapidamente e começa a catar os jornais velhos e recolocá-los no pacote, olhando em pânico para o Dr. José que, falando no telefone, não nota nada.

Dr. José — Alô, Brasília? Nada ainda? Aqui fala José. Dr. José!

Dona Maria (outra vez com o pacote cheio) — Fiz as compras, José. Trouxe o pacote cheio. Não falta nada no supermercado. Essa tal de crise é pura invenção da imprensa. Quando você for governador precisa dar um jeito na imprensa, José.

Dr. José (no telefone) — Quem foi o eleito, afinal? Quem? Alô! Aqui é José. Dr. José. Eu estou na lista.

(Entra Júnior pela porta da rua com um pacote na mão. Tropeça e cai, soltando o pacote que está cheio de ampolas. Ergue-se rapidamente e começa a juntar as ampolas, olhando preocupadamente para os pais. Dona Maria dirige-se para uma porta lateral com o seu pacote.) Dona Maria (de passagem) — O que é isso, Júnior?

Júnior — Pervitin, mãe.

(Mas Dona Maria já está fora de cena, simbolizando a falta de diálogo entre as gerações.

Entra Mariazinha pela porta da rua. Cai e quebra a cabeça. A cabeça está vazia. Ergue-se e tampa a cabeça.) Mariazinha — Hoje teve eleição na faculdade.

Dr. José (no telefone) — Alô! Quem foi o eleito, afinal?

Mariazinha — Sei lá! Esse negócio de eleição é um atraso de vida. Eleição não comunica!

(Entra Benedita.) Benedita — Dr. José! Credo-cruz, sinhazinha, preto velho, assombração, bolinho de polvilho, banho-maria, alma do outro mundo, cruz-credo, etcétera!

Dr. José (no telefone) — Quem? Alô! Aqui é José. Dr. José.

(Entra Flamarion.) Flamarion — Dr. José, estamos à beira do abismo.

(Entram, pela porta da rua, a decadência da burguesia, o materialismo, a incerteza da vida moderna, o ritmo trepidante da vida urbana, a poluição ambiental. Tropeçam e caem, um por cima do outro.) Júnior e Mariazinha (juntos) — Qual é?

Benedita (fazendo o sinal-da-cruz) — Credo!

Dr. José (no telefone) — Alô, Brasília? Nada ainda?



Flamarion (pensativo) — Eu sabia que algo estava errado desde o dia em que os meus girassóis, em vez do sol, deram para

acompanhar as mulheres que passavam. (Simbolizando os tempos fora dos eixos.) (Abre-se um abismo sob o palco e engole a sala e todos os seus ocupantes. Entra Dona Maria.) Dona Maria — Está na mesa!

(Dá-se conta que não sobrou nada na sala, nem a sala. Vira-se para a plateia.) Dona Maria — Ainda bem. Não tinha nada para comer mesmo.

Persuasão

- Não, bem. Para.
- Querida...
- Não insista.
- Mas por que não?
- Porque não.
- Você não me ama.
- Não seja bobo. Amo sim. Eu só acho que nestas coisas a gente deve ir devagar. Dar tempo ao tempo.
- Dar tempo ao... Mas o mundo tá acabando!
- Não faça drama. Só porque eu não quero não quer dizer que o mundo vai acabar.
- Mas o mundo está acabando mesmo! Você não lê os jornais? Tá chegando no fim. Não há mais tempo para nada.
- Exagero.
- Que exagero?! Temos que aproveitar a vida agora. Hoje. Fazer tudo, provar tudo...
- Para, eu já disse.
- Escuta aqui, e o cometa?
- Que tem o cometa?
- O cometa é um sinal. Pensa que é por acaso que o cometa taí? É um aviso. O fim não tarda. O fim pode ser amanhã mesmo!
- Me larga. Olha que eu vou embora.
- Está bem. Só me diz uma coisa. E a crise?
- Qual é a crise?
- Pois é, qual delas? Tá tudo em crise. Falta papel, carne...
- Folha-de-flandres.
- Folha-de-flandres, óleo comestível, gasolina, material de construção. Sabe como é que nós vamos acabar?
- Agora você ficou brabo.
- Sabe como é que nós vamos acabar? Cavando a terra atrás de mandioca. É. Você e eu brigando por uma raiz, por capim. Água

também não vai ter, tá toda contaminada. E eu estou sendo otimista, porque...

— Não fica exaltado, bem.

— Porque pode estourar uma guerra a qualquer momento! Aí é que eu quero ver.

— Querido...

— E você ainda quer dar tempo ao tempo. Essa é muito boa. Acho que antes do fim do ano vai ter gente brigando de tacape por um ração de esgoto. É.

E quem ganhar come ele cru, porque nem lenha vão encontrar mais. E gente assim do nosso nível.

— Vem cá. Te acalma, puxa. Encosta aqui.

— Tempo ao tempo. Tem que ser tudo agora.

Rápido. Aproveita enquanto dá.

— Está certo, você me convenceu.

— Ração de esgoto, ouviu bem? E sem sal, que também vai faltar. Como, te convenci?

AS GRANDES FRASES (1)



- Me convenceu. Agora eu quero. Você tem razão, temos que aproveitar a vida antes que a crise tome conta. Vamos.
- Peraí um pouquinho.
- Vem, bem. Você não queria tanto?
- Pois é, mas agora fiquei meio deprimido.

Confuso

O Consumidor acordou confuso. Saíam torradas do seu rádio-despertador. De onde saía então — quis descobrir — a voz do locutor? Saía do fogão elétrico, na cozinha, onde a Empregada, apavorada, recuara até a parede e, sem querer, ligara o interruptor da luz, fazendo funcionar o gravador na sala. O Consumidor confuso sacudiu a cabeça, desligou o fogão e o interruptor, saiu da cozinha, entrou no banheiro e ligou seu barbeador elétrico. Nada aconteceu. Investigou e descobriu que a sua Mulher, na cama, é que estava ligada e zunia como um barbeador. Abriu uma torneira do banheiro para lavar o sono do rosto. Talvez aquilo tudo fosse só o resto de um pesadelo. Pela torneira jorrou café instantâneo.

Confuso, o Consumidor escovou os dentes com o novo desodorante e sentou na tampa da privada — fazendo soar a campainha da porta — para pensar.

Acendeu um batom Roxo Purple, nova sensação, da Mulher. O que estaria acontecendo? Resolveu telefonar para o Amigo. Saiu do banheiro e foi para a sala.

Quando girou o disco do telefone a televisão a cores começou a funcionar. Pensou com rapidez. Foi até o televisor e, no selecionador de canais, discou o número do Amigo. Saiu laranja do telefone.

Apagou o batom num cinzeiro e voltou para o quarto.

A Mulher acabava de acordar e, sonolenta, caminhava na direção do banheiro. Viu a Mulher fechar a porta do banheiro e dali a pouco ouviu a campainha da porta tocar de novo. Esperou. Quando a Mulher abriu a porta do banheiro e, confusa, lhe disse “Querido...” ele antecipou: — Já sei. Saiu café da torneira da pia.

— Não. Liguei o chuveiro e uma voz disse “Alô?”

Era o Amigo.

— Deixe que eu falo com ele.

Foi até o chuveiro falar com o Amigo. Contou tudo que estava acontecendo. O Amigo disse que na sua casa era a mesma coisa,

saía música do condicionador de ar e a televisão corria atrás das crianças dizendo bandalheira, era o fim do mundo.

Foi quando o Consumidor, confuso, viu que o novo secador de cabelo descia sozinho da sua prateleira, atravessava o chão do banheiro como um pequeno mas decidido tanque e saía pela porta. Disse para o Amigo que o chamaria de volta, desligou o chuveiro e saiu correndo.

O secador encaminhava-se lentamente para a cozinha, onde a Mulher e a Empregada, assustadas, testavam todas as utilidades domésticas. A janela da máquina de lavar roupa transmitia o padrão do Canal 10, e o fogão, agora, dava o noticiário das oito. O Consumidor chegou a tempo de evitar que o secador atacasse sua Mulher por trás. Atirou o secador com força contra a parede.

Ouviu-se um berro de dor e fúria partindo dos alto-falantes do estéreo, na sala, e ao mesmo tempo a geladeira começou a movimentar-se pesadamente na direção do Consumidor, da Mulher e da Empregada.

— A chave geral! — gritou o Consumidor.

Saíram todos correndo pela porta da cozinha.

Chegaram até a chave geral. O Consumidor abriu a portinhola, puxou a alavanca e ouviu nitidamente que se ligava o motor do Dodge Dart na garagem. O melhor era fugir!

Correram para a garagem, entraram no carro, o Consumidor botou em primeira, apertou o acelerador e um Boeing caiu em cima da casa.

AS GRANDES FRASES (II)

QUE FOI
QUE ELE
DISSE?

ASSALTO DE
PIRANHAS A
40 CEBOS DOS
CONTENTES



Danças

A dança Kung Fu é a nova meningite na Europa.

A Decadance não pegou mas a Kung Fu é um sucesso e todos estão dançando, desde a Begum até o gato da Marisa Berenson. Breve a Kung Fu chegará no Brasil. E logo virão outras danças que recém começam a aparecer nos centros noturnos do hemisfério norte e prometem ter o mesmo sucesso de Kung Fu. Aqui estão algumas delas e as instruções de como se dança, caso você quiser ser o primeiro a lançá-las no seu grupo, neste verão.

O Kissinger — O homem pula de um lado para o outro e cochicha no ouvido de todo mundo. A mulher, que deve ser mais alta do que ele, fica parada de cara feia. Entra um árabe e estraga tudo. A orquestra Para. Todos vão para casa. O homem continua pulando de um lado para o outro.

O Tango em Paris — Dança-se como o tango tradicional, só que sem roupa. Muito cuidado no rodopio.

O Terceiro Mundo — Os pares formam uma linha de conga. Você sabe, uma fila do INPS com espasmos.

Ao grito de *Tchumba La Catchumba!* todos marcham sobre a embaixada americana mais próxima. São rechaçados pela polícia. Mais tarde descobre-se que o cara do bongô era da CIA e entregou todo mundo.

Grande depressão.

A Ecologia — Nesta dança, a mulher simboliza Os Recursos Naturais da Terra. O homem simboliza A Indústria Predatória. Depois de alguns passos improvisados, os dois sobem a escadinha e não são vistos durante algum tempo. O homem volta sozinho, ajeitando a gravata e com um sorriso safado. A mulher volta um pouco mais tarde, rengueando e bem menor do que quando subiu.

O Levante se Levanta — Ao primeiro acorde da música, todos os árabes se precipitam para o centro da pista e tiram suas espadas. “Tem algum judeu aqui?”, gritam. “Tem, por quê?”, responde uma

voz do alto. É Deus Nosso Senhor. Os árabes se entreolham. Aí um baixinho diz: “Quanto cê quer para passar pro nosso lado?” Segue a música.

O Padrinho — Chega a orquestra. Descobre que dentro dos seus estojos só tem metralhadoras. A dança é cancelada.

O Padrinho II — O homem vai tirar a mulher para dançar. Ela recusa. Ele manda sequestrar um irmão menor dela e atirar no rio. Vai tirar ela de novo. Ela aceita.

O Exorcista — Esta é de virar a cabeça. Assim que começa a música o homem e a mulher vomitam um no outro. A dança é interrompida. O homem e a mulher nunca mais se falam. Dom Vicente Scherer promete falar a respeito.

A Crise — Dança-se no escuro, para poupar energia. Em vez de orquestra ou fita gravada, um cego de acordeão, que cobra pouco e pode ser enganado. O cego só sabe tocar *Granada*. Há muita revolta. O papa pede calma. Os garçons anunciam que o gelo acabou, só tem uísque para as crianças e cachaça só pra massagem. E tem um anjo aí fora dizendo que chegou a Hora. Você aproveita o apocalipse e sai sem pagar a conta.

Mundo de papel

Não sei se você sabe que a tal crise de papel é séria mesmo, e sem solução visível. Comece a acostumar-se desde já com a ideia de um mundo sem papel.

Não pensemos nos usos mais, como direi, prosaicos do papel, que o chuveirinho resolve.

Pensemos nas consequências extremas da crise. Nas repartições da República tendo que renunciar às tradicionais três vias, ao requerimento timbrado (timbre também não haverá), ao formulário, ao protocolo, ao bilhete do pistolão pedindo para quebrar o seu galho, ao bolão da Esportiva. Sem a papelada para se preencher, apresentar, descobrir que preencheu errado e apresentar de novo, desaparecerá para sempre uma das mais tradicionais instituições do Brasil, que é a fila do INPS. Você, literalmente, não terá mais identidade (carteira, título de eleitor, cartão do CPF, certificado de bons antecedentes...) — O senhor tinha que trazer certidão de idoneidade ideológica do DOPS.

— Olha, como não tinha papel, eles gravaram aqui no meu braço: “Tudo legal”.

— Não vale. A firma não está reconhecida.

Nas lojas, ninguém mais perguntará: “Embrulhar para presente?” Perguntarão: “Barbante branco ou colorido?” O aperto de mão substituirá o contrato e a promissória, mas como não haverá mais cartórios, nem advogados (o fim do tamanho ofício é o fim do direito) e o *Jornal do Comércio* não circulará mais, o aperto de mão não terá qualquer validade legal. As falências se sucederão. Primeiro a Xérox, depois o resto.

Os efeitos da crise nas finanças do país serão sensacionais. Digo, são horríveis demais para contemplar. É o fim da nota fiscal e da notificação do imposto de renda. É o fim do próprio papel-moeda. O *Diário Oficial da União* será substituído por dezoito horas ininterruptas de *A Voz do Brasil*, com os locutores dizendo tudo de memória. O futebol sem súmula. A cerveja sem rótulo. A Sinfônica

sem partitura. O carnaval sem confete e serpentina. O pipoqueiro sem saco. Eu sem emprego



Essa é a perspectiva mais desoladora, o desemprego. Primeiro os gráficos. Depois os coladores de cartazes. Depois os vendedores de enciclopédia. E assim por diante até, meu Deus, os intelectuais. Escritores sem ter onde escrever a não ser parede de mictório e margens de velhos envelopes. Os mais impulsivos contratarão aviões e escreverão no céu, com fumaça, escapando das baterias antiaéreas da crítica e dos Mirages da Censura. Editores, jornalistas, jornaleiros, livreiros e poetas reduzidos a catar papel na rua. E, é claro, não encontrando.

Nem tudo está perdido, no entanto. Cedo ou tarde alguém inventa a maneira de fazer papel de soja.

O poder e a troça

Há vários casos de reis que ficaram bobos mas não há notícia de uma só corte onde o bobo chegasse a rei. É a sua inaptidão para o poder que garante a impunidade do bobo. Quanto mais forte o rei, mais irreverente o bobo. E há uma sutil cumplicidade entre o poder e a troça. Sempre desconfiei das razões de César para ter a seu lado o infeliz cujo único encargo na vida era cochichar ao ouvido do imperador, nos seus momentos de glória, "Não esqueças, és mortal".

Formidável é o reverso do arranjo. Nas suas piores depressões, César tinha este consolo insuperável: pior do que aquele imbecil ao pé de seu ouvido ele nunca seria.

Quanto mais forte o poder, mais impune o bobo.

Num sistema que não teme o ridículo o bobo é o homem mais livre e mais inconsequente da corte.

Seu único risco ocupacional é o rei não entender a piada. A consciência do império, como o tal que frequentava a orelha de César, é um bobo que subiu na vida. Com pouco mais tempo de serviço chegará a filósofo, um pouquinho mais e se aposenta como oráculo. Cada vez mais longe do poder, portanto.

Não foram os sábios epigramas de Hamlet que derrubaram o rei. Que eu me lembre, foi um florete com a ponta envenenada. O que não é piada.

A troça só preocupa o poder bastardo que tem dúvidas sobre a própria legitimidade. O Estado totalitário é uma paródia da monarquia absoluta, e quem denunciar a farsa, denuncia tudo. Neste caso toda piada tem a ponta envenenada, todo bobo é uma ameaça. O alvo principal da irreverência nunca é o poder, é a reverência em si. Um poder secular que exige respeito religioso está exposto ao ridículo por todos os lados. O rei não está apenas nu, não é nem rei. Não é certo dizer que nenhuma ditadura tem senso de humor. Pelo contrário, têm um senso agudo do ridículo. Entendem todas as piadas. Mil vezes a respeitosa atenção de uma

junta de coronéis modernos do que a distraída condescendência das antigas cortes, é o que qualquer bobo lhe dirá, minutos antes de ser fuzilado.



fim.